

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Barbara Carvalho Batista

**PRECISAMOS FALAR SOBRE FANFICTIONS:
LITERATURA E CULTURA DO FÃ NA ERA DIGITAL**

São Paulo
2016

Barbara Carvalho Batista

Precisamos falar sobre fanfictions: literatura e cultura do fã na era digital.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação do Prof. Me. Guilherme Sardas.

**São Paulo
2016**

Barbara Carvalho Batista

**PRECISAMOS FALAR SOBRE FANFICTIONS: LITERATURA E
CULTURA DO FÃ NA ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade de Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Sardas.

São Paulo, 25 de novembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Me. Guilherme Sardas

Prof. Dr. Marcelo Santos

Prof. Ma. Silvia Torreglossa

Parecer Final: _____

À minha mãe, meu pai (cujo “paitrocínio” foi essencial para que eu chegasse até aqui), e toda minha família, por ter me apoiado, mesmo que indiretamente, durante esses quatro anos.

Aos membros da nascida para morrer Agência Três (Ana, Diego, Fernando, Ju e Wagner), que entre mortos e feridos, chegamos juntos até o fim do curso.

Aos professores que me inspiraram profundamente: Exedito (“o mito”), Guilherme Sardas, Marcelo Santos, Márcio Rodrigo, Piero Sbragia e Roberta, que sempre deram um jeitinho de manter a chama do interesse acesa e abriram meus olhos e minha cabeça para o mundo.

A todos os meus amigos que me aturaram meses a fio não falando de outra coisa a não ser o TCC, em especial Beatryz, Marina e Queren. Dedico também a Rafael Meiwald, que foi a tábua de salvação nos momentos de crise durante esse último ano.

E uma dedicação mais que especial à Ana Schuchovski, que, nesse casamento de quatro anos de faculdade, me mostrou que sozinhos não somos ninguém.

Por último, mas não menos importante, a todos os escritores e leitores de fanfics, que fizeram essa comunidade maravilhosa crescer a ponto de virar assunto do meu trabalho de conclusão de curso.

“(...) Podemos amplificar a ideia de Lavoisier e transportá-la para literatura, pois nenhuma história é criada ou perdida, ela se transforma”.

(Gustavo Czekster)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar à luz de teorias da comunicação, e de apresentar de maneira prática, o fenômeno das *fanfictions* (as ficções de fã), que se popularizaram na web no século XXI. Explanar, em um produto em formato digital multimidiático, a origem das fanfics e dos fandoms, seu impacto cultural e sua influência na cultura dentro e fora da web, fruto da convergência entre meios e mídias. Além disso, apresentar personagens que fazem parte da comunidade das fanfictions como escritores, explorar alguns cases de *fanfictions* que romperam a barreira do digital e tornaram-se best sellers mundiais, além de discutir conflitos legais e ideológicos que a prática de escrever fanfic no Brasil enfrenta, por conta das limitações da Lei de Direitos Autorais. Mostrar também a dinâmica dos principais sites de fanfictions do país e sua importância no cenário nacional.

Palavras-chave: fanfiction, comunicação, digital, literatura, cultura do fã;

ABSTRACT

This study aims to present the phenomenon of fanfiction, which has become popular on the web in the XXI century. To explain in a product in a multimedia digital format, the origin of fanfics and fandoms, its cultural impact and influence on the culture inside and outside the web, due to the convergence of media. Also, present characters that are part of the community of fanfiction as writers and readers, explore some cases of fan fiction that broke the digital barrier and became global best sellers, and discuss legal and ideological conflicts that the practice of writing fanfic in Brazil faces, due to the limitations of the Brazilian Copyright Law. Also, show the dynamics of the country's biggest fanfiction websites and its importance in the national scenario.

Key-words: fan fiction, communication, digital, literature, fan culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MEMORIAL DESCRITIVO.....	12
2.1 Precisamos falar sobre <i>fanfictions</i>	12
2.2. Torcida organizada.....	14
2.3 <i>Ficwriters</i>	14
2.4 Como falar “fã”.....	16
2.5 <i>Fanfics</i> em números.....	17
2.6 Fora da lei?.....	19
2.7 Coisa de “gente grande”.....	21
2.8 Autor vs. <i>fanfic</i>	22
2.9 Das telas para as prateleiras.....	23
2.10 Ouvindo o “outro lado”: a opinião de quem publica.....	25
2.11 Garota de Domingo: <i>fanfic</i> , livro, websérie.....	26
2.12 Escolha seu estilo.....	27
2.13 Quem paga a conta?.....	29
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
4 REFERÊNCIAS.....	32
5 ANEXOS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Fanfictions - que serão tratadas na maior parte deste trabalho pelo termo “*fanfic*” - são trabalhos literários de ficções criadas por fãs. Esta ficção pode ser inspirada por filmes, livros, quadrinhos, animes, mangás, e apropria-se de elementos destas obras para a criação de uma nova história. As *fanfics* também podem usar celebridades, como cantores e atores, como personagens participantes do enredo.

A ideia sempre foi de elaborar uma reportagem digital para este produto, aos moldes das grandes reportagens multimídia de portais como Folha, Estadão e UOL. O produto é um híbrido: não é um site nem um blog, mas não é uma reportagem estática. É como um documento digital, multimidiático, unindo texto e recursos visuais digitais, além de vídeo e animações.

A reportagem é dividida em 13 seções com diferentes assuntos relacionados ao universo das *fanfics*. Ao longo dessas sessões, o texto é trabalhado com uma linguagem mais coloquial, de modo a se aproximar de seu público alvo: leitoras e escritoras de *fanfics*, familiarizados com o assunto, bem como leitores leigos e curiosos sobre o tema. São mesclados textos jornalísticos baseados em apuração da teoria pesquisada, reportagens com especialista, vídeo, infográficos e listas, grande entrevista e perfil.

A pesquisa envolveu dois eixos principais: as *fanfics* em si, e os *fandoms* (comunidades de fã reunidas sobre uma determinada obra ou figura pública). Seus respectivos surgimentos, pontos importantes da história e casos curiosos - como a perspicaz análise de que Shakespeare já tinha seu *fandom* formado antes mesmo da ideia de ser “fã” existir.

Com esses dois eixos definidos, assuntos importantes foram surgindo: sobre autoras que começaram escrevendo *fanfics* e transformaram esses trabalhos em livros publicados; sobre os conflitos entre a lei brasileira de direitos autorais e a prática de

escrever fanfic; alguns números importantes sobre a popularidade das fanfics nacional e internacionalmente; escritores consagrados que têm posições favoráveis e contra a prática de fanfics sobre suas obras; além de mostrar casos

Enquanto o artigo científico fica reservado ao estudo teórico das *fanfics*, sua relação intrínseca com a internet e seu comportamento como fenômeno comunicacional, o produto experimental visa uma explanação mais prática sobre o que são *fanfics*, sua importância cultural e seus impactos positivos (e negativos) no “mundo real”, como o conflito com direitos autorais e propriedade intelectual.

Para isso, os esforços jornalísticos dedicados ao produto focam em duas partes: a pesquisa histórica, para traçar uma linha do tempo das *fanfics* e seus acontecimentos importantes, e o testemunhal, tanto coletado presencialmente quanto retirado de trechos de pesquisa. Ouvir os escritores, os fãs e pessoas envolvidas diretamente com o universo das *fanfics* para não somente dissecar o cenário atual das *fanfics*, bem como humanizá-las - afinal, por trás de todo *best seller* como Cinquenta Tons de Cinza, que nasceu de uma *fanfic* de Crepúsculo, existe uma pessoa.

Parte dos dados recolhidos durante a pesquisa nos ajuda a ter um panorama, tanto nacional quanto internacional, da produção de *fanfic*. Números colhidos de sites importantes como *Fanfiction.net*, *Social Spirit* e *Wattpad* mostram produções que chegam à casa dos milhares, e às vezes ultrapassam bilhões, como é o caso da *fanfic* ‘*After*’, escrita por Anna Todd e tendo o cantor Harry Styles como protagonista, que foi a primeira obra na história do *Wattpad* a ter um bilhão de acessos.

Como escritora e leitora de fanfic desde os 11 anos de idade (já são dez anos como participante ativa da comunidade), coloco todo o meu conhecimento prático e teórico sobre o tema nessa produção para tratar desse tema tão especial com o respeito, o cuidado que merece, tentando fugir dos estereótipos. Além disso, é muito significativo produzir uma reportagem digital multimídia, disponibilizando este trabalho na web para o acesso de leitores e escritores de *fanfics*, transmitindo a essência da *fanfic* no século XXI:

online, acessível a todos de maneira fácil e gratuita, e feita por alguém que gosta e tem carinho muito grande pelo tema.

A realização deste trabalho é de grande importância pessoal e acadêmica, uma vez que existe pouco material publicado, tanto da imprensa nacional, como por estudiosos do tema, no que se diz a uma análise das *fanfictions* como um fenômeno comunicacional, passível de diversas interpretações e que atende à diversas vertentes de estudos de teorias da comunicação. Mas a intenção do produto é ir além da teoria: oferecer um cenário histórico-cultural das *fanfics*, sua importância na cultura pop atual e sua importância na vida de pessoas comuns que fazem da escrita uma demonstração de amor de fã por seu ídolo - e algumas fazendo isso tão bem, que fazem da atividade uma profissão.

2 MEMORIAL DESCRITIVO

Link para a reportagem: <http://barbaracbatista.wixsite.com/fanfictions>

Os tópicos abaixo seguem a ordem e o conteúdo na íntegra do que está disponibilizado no site.

2.1 Origem das fanfics

A reportagem se inicia com uma pequena animação, explicando, em menos de dois minutos, o que é uma fanfic: uma história de ficção, feita de fãs para fãs, de cunho literário, inspirados por alguma obra pré-existente, que pode ser filmes, livros, animes, revistas em quadrinhos, atores e cantores, seriados de tv... Não existe limite para o que pode usado como “musa inspiradora”. O vídeo serve para introduzir o leitor leigo ao objeto principal da reportagem: a fanfic, e segue com texto contanto a origem das fanfics.

As *fanfics* surgiram como produção de fãs do seriado de ficção científica Star Trek, nos anos 60. *Fanfics* e *fanarts* eram publicadas nas chamadas *fanzines*, revistas amadoras feitas quase que artesanalmente, e eram publicadas entre os fãs da série. A *fanzine Spocknalia* é considerada a primeira produção do gênero. A revista teve cinco edições em três anos de existência, e chegou a publicar cartas escritas pelo próprio criador do seriado, Gene Roddenbery, da roteirista D. C. Fontana e dos atores do seriado, às vezes escrevendo como seus personagens. Após a *Spocknalia*, outras *fanzines* de Star Trek surgiram, estimulando a produção amadora de fãs.

A produção de fã continuou nas décadas seguintes, alimentadas por diversas outras produções do universo *geek*.

Existe um curioso episódio na história da literatura que precede o *boom* de popularidade da ficção científica no século XX e a consequente formulação das *fanfictions* e das comunidades de fã aos formatos que são conhecidos. Mais precisamente, no século XV, entre os cinco anos de hiato entre a publicação da primeira

e segunda partes da história de 'Dom Quixote', de Miguel de Cervantes. Um desconhecido teria escrito uma "continuação não oficial" por não suportar a demora da conclusão da obra. Miguel de Cervantes repudiou a atitude do leitor inconformado.

A série de livros de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle é apontada como um precursor de comunidades de fãs e, conseqüentemente, de produtores de *fanfictions*. Pode-se atribuir esse movimento em torno das obras de Doyle por conta das publicações das aventuras de Sherlock Holmes serem feitas de maneira periódica, dando aos fãs um período para especulação e dúvidas - e estes fãs, muitas vezes escreviam *fanfiction*, sem nem ao menos saber de fato o que estavam fazendo.

A ideia de que a *fanfiction* necessita de um elemento pré-existente para ser produzida vem, então, de muito tempo. Desde o leitor de Dom Quixote que criou sua própria continuação, aos fãs de Sherlock Holmes que escreviam suas especulações sobre o futuro do detetive e seu parceiro Watson, aos *geeks* que imaginavam Kirk e Spock em aventuras intergalácticas que nem mesmo os autores da série tinham imaginado.

Porém o grande divisor de águas, tanto para as comunidades de fãs (os *fandoms*) quanto para as produções de *fanfictions* veio das mãos de J. K. Rowling, em 1997, com o lançamento de 'Harry Potter e a Pedra Filosofal'. Foi a partir do primeiro volume da série que conta a vida do jovem bruxo, em plena era onde a internet estava sendo descoberta pela população, que as *fanfictions* tiveram um crescimento expressivo de sua produção. Mesmo após quase dez anos desde a publicação de seu último volume, o universo de Harry Potter ainda rende muito pano de fundo para histórias, especialmente entre os fãs que gostam de imaginar e escrever sobre o que acontece após o último livro.

A *fanfic* é a oportunidade para os fãs sonharem como é conhecer e conviver com seu ídolo (como nas *fanfics* com cantores e atores), corrigir um ponto incômodo da história (e se Jacob Black tivesse seu *imprinting* com outra garota, e não Reneesme Cullen?), criar versões alternativas (como seria a saga de Harry Potter se ele tivesse uma

irmã? Ou se Sirius Black tivesse um filho?), e até misturar dois universos distintos numa única história (como se comportariam os personagens de Percy Jackson no mundo da Gossip Girl?). Não há restrição.

Uma fanfic pode envolver basicamente qualquer coisa ou pessoa. Existem fanfics sobre livros, filmes, sériados, novelas, games, animes, revistas em quadrinhos... Mas nem apenas de ficção vivem os fandoms. As fanfics também englobam bandas, atores, cantores, personalidades de dentro e fora da televisão, como ocorre com, por exemplo, jogadores de futebol e youtubers.

2.2. Fandoms: as comunidades de fãs

Nesta parte é explicado, através de texto, o que são fandoms de forma direta e resumida. Logo no início, o significado de *fandom* surge dentro de uma “nota” como se retirado de um dicionário.

Fandom: a comunidade de fãs que cultuam um seriado, filme, livro, boy bands / etc. Estes fãs podem ser escritores de *fanfiction*, artistas, poetas e *cosplayers*, como podem ser apenas leitores, espectadores. Os *fandoms* muitas vezes se mobilizam através de comunidades em redes sociais como grupos de *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr*, entre outros, e também participam de convenções, feiras e encontros, como a Comic Con (que é o maior evento da cultura *geek* do mundo e passou a ser palco de grandes lançamentos e painéis com participação de diretores, produtores e atores de filmes, seriados e outras produções relacionado a heróis, aventura, fantasia, ficção científica e outros).

Eles estão por todo o lugar. Talvez você faça parte de um e nem ao menos se dê conta disso. As *fanfics* dependem dos *fandoms* assim como humanos dependem de ar para sobreviver. Sem um fã, não há *fanfic*. Simples assim.

A *fanfic* é como uma homenagem - e um jeito que o fã encontra para participar do universo que admira. A partir do momento que um fã cria e publica uma *fanfic* para outros fãs e interessados lerem, automaticamente ajuda a engrossar a produção de fã na internet - que se estende para outros tipos de produção, como as *fanarts* e os *fanvideos*.

O fandom tem um histórico antigo, assim como as *fanfics*. Afinal, quem nunca ouviu falar da *beatlemania* que enlouqueceu jovens ao redor do mundo nos anos 60? Ou dos fã-clubes dos anos 90 e 2000, com direito a carteirinha e filiação?

Lembra de Sherlock Holmes? O detetive e seu fiel companheiro, Dr. Watson reuniram um grande séquito de fãs numa época em que nem se sonhava com esse tipo de comunidade. Tanto que, a decisão de seu autor, Sir Arthur Conan Doyle, de matar seu personagem principal teve grande repercussão entre os leitores e fãs mais afeitos, o que obrigou o autor a ressuscitá-lo anos depois.

2.3 Com a palavra: as *ficwriters*

Este espaço é dedicado a dar voz a quem mais tem o que falar: as escritoras de *fanfics*, ou como às vezes são chamadas, *ficwriters*. Quatro entrevistadas contam, em vídeo, como conheceram as *fanfics*, para quais *fandoms* escrevem, a importância das *fanfics* em suas vidas e suas dicas para quem quer começar a escrever. São elas: Beatriz Gonçalves, Flávia Duduch, Grazielle Alves e Raíssa Ribeiro. Quatro jovens que escrevem para *fandoms* diferentes, mas que têm em comum o amor de fã e pela escrita, e que transformam esse sentimento em história.

Essa parte da reportagem foi pensada, desde o início, para mostrar que por trás de todas as histórias, existe um fã. Muitas vezes, *ficwriters* protegem-se por pseudônimos e codinomes. E. L. James, quando escrevia *Master of the Universe*, o fazia sob o apelido

de “SnowQueens IceDragon”¹. Anna Todd era “*imaginator1D*” quando *After* estreou no *Wattpad*². Isso leva, naturalmente, à constatação de que *ficwriters* preferem se manter anônimos.

Para contrapor esse senso comum de que *ficwriters* preferem manter-se “nas sombras”, o testemunhal dessas escritoras de *fanfic* ficaria ainda mais significativo se fosse coletado por vídeo - mostrando seus nomes, seus rostos e suas histórias como participantes da comunidade. Houve uma resistência muito grande por parte de várias fontes em potencial para a realização dessa parte do produto - justamente pela segurança que o anonimato da internet oferece às escritoras, que podem expressar sua criatividade sem o medo de serem reconhecidas ou julgadas.

2. 4 Como falar “fã”.

Seção dedicada a servir como um “dicionário” para explicar algumas expressões comumente usadas dentro dos *fandoms*. As expressões são separadas em caixas, como se fossem recortadas de algum lugar.

A ideia para essa seção surgiu da premissa de que, assim em como todo nicho profissional, social ou acadêmico, seus participantes fazem usos de jargões, gírias ou expressões muito próprias do ambiente e da prática ao qual estão inseridos. Com o *fandom* não é muito diferente. A “tradução” dessas expressões, no entanto, vem totalmente de experiência própria.

- *Canon* – Ou “cânone” e tradução livre para o português. O *canon* é o modo de se referir obra original da qual a *fanfic* foi inspirada e todos os aspectos originais da história e de seus elementos.

¹ KURP, Josh.Read ‘Twilight’ Fan Fiction ‘Fifty Shades Of Grey’s E. L. James. Disponível em <<http://uproxx.com/webculture/revisiting-fifty-shades-of-grey-author-e-l-james-twilight-fan-fiction-as-snowqueens-icedragon/>>. Acesso em 14.10.2016 às 13h26.

² Wattpad. Anna Todd (*imaginator1d*). Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/imaginator1D>>. Acesso em 14.10.2016 às 13h08.

- *Fangirl / fanboy* - A mulher ou homem que é fã. O termo é comumente para quem se considera um fã mais empolgado ou mesmo exageradamente afeiçoado em relação ao seu ídolo.
- *Ship* - Gíria para casal. O casal em questão não precisa necessariamente ser consumado dentro da história. Muito comum em casos de casais homossexuais, como por exemplo, fãs que “shipam” Sherlock Holmes e Dr. Watson. Um ship pode ou não ser um OTP, mas um OTP é sempre um *ship*.
- OTP - Sigla para “*one true pairing*” (algo como “o único par verdadeiro”). É utilizado para casais na trama que são preferidos ante todos os outros da mesma obra.
- *Crossover* - Fusão entre duas obras ou dois universos, por exemplo personagens do seriado *The Vampire Diaries* encontram os personagens do universo de *True Blood*.
- AU - Sigla em inglês para universo alternativo. São quando os personagens e/ou o universo são descaracterizados. Por exemplo: personagens vampiros e lobisomens de *Crepúsculo* como humanos normais.

2.5 *Fanfics* em números

Essa seção dedica-se a dar uma visão mais prática do cenário das *fanfics* no Brasil. Apesar de sites em inglês terem números de produção e leitura de *fanfics* mais expressivos, é importante delimitar números nacionais.

As cinco bandas e cantores mais populares do site de *fanfics* Spirit (<https://spiritfanfics.com.br>):

1) One Direction - 45.620 histórias; 2) Justin Bieber - 30.566 histórias; 3) Fifth Harmony - 9.455 histórias, 4) Demi Lovato - 7.656 histórias. 5) Selena Gomez - 6.616 histórias. Foi escolhido esta categoria dentre todas as outras no site Spirit por serem as mais populares e apresentarem os maiores números.

Outra lista apresenta os dez países que mais países que mais procuram pelo termo '*fanfic*' no Google, e os cinco estados brasileiros que mais pesquisam. Todos os dados são tirados da ferramenta Google Trends (<https://www.google.com/trends/>) e podem variar de tempos em tempos.

Dez países que mais buscam por *fanfic* no Google: 1) Indonésia, 2) Brasil, 3) Filipinas, 4) Cingapura, 5) Vietnã, 6) Malásia, 7) Chile 8) EUA 9) Bolívia e 10) México³

E os cinco estados brasileiros que mais procuram por *fanfic* no Google. 1) Amapá; 2) Rio de Janeiro, 3) Amazonas, 4) São Paulo, 5) Ceará.⁴

Os valores do Google são calculados em uma escala de 0 a 100, em que 100 é o local com a maior popularidade do total de pesquisas naquele local; 50 indica um local que tem metade da popularidade; e 0 indica um local em que o termo tem menos de 1% de popularidade daquele local com o maior número de pesquisas.

É importante saber que um valor maior significa uma proporção maior de consultas, e não uma contagem absoluta maior. Um pequeno país em que 80% das consultas são sobre "bananas" terá duas vezes a pontuação de um grande país em que somente 40% das consultas são sobre "bananas". Por isso que um país grande como os Estados Unidos, por exemplo, ocupa a oitava posição no ranking, ou São Paulo em quarto lugar. Isso acontece porque esses locais concentram um maior número de pessoas,

³ Google Trends. Disponível em: <<https://www.google.com/trends/explore?q=fanfic>>. Acesso em 05.10.16 às 10h56.

⁴ Google Trends. Disponível em: <<https://www.google.com/trends/explore?geo=BR&q=fanfic>>. Acesso em 05.10.16 às 11h04.

portanto, a média de pesquisa tende a ser menor do que em locais com menos habitantes, como Amapá, Rio de Janeiro ou Indonésia.

2.6 *Fanfic* versus direitos autorais

Reportagem sobre o conflito entre a lei de direitos autorais brasileira e as questões legais que envolvem a produção de *fanfic*. Para falar sobre o assunto, foi entrevistado o advogado Carlos Liguori, da Fundação Getúlio Vargas. Liguori é especialista em Direito Digital e Propriedade Intelectual, e faz parte de um grupo de pesquisa que está elaborando um estudo sobre a produção de *fanfic* no Brasil.

Uma das polêmicas que cerca a produção de *fanfics* é sobre sua legalidade. Essa discussão começou no início dos anos 2000 - juntamente com o boom causado por Harry Potter. Afinal de contas, é legal produzir *fanfic* sobre elementos protegidos por direitos autorais?

O que são direitos autorais?

Direitos autorais são uma série de direitos garantidos por lei ao criador de qualquer obra intelectual (chamados de “bens móveis”), seja ela literária, artística ou científica.

O direito autoral é pessoal e intransferível. Criador e criação são protegidos pelos direitos autorais, independentemente de registro⁵ na Biblioteca Nacional ou de alguma patente, sendo que esse registro é totalmente facultativo ao autor. Quando o autor em questão morre, esse direito é passado aos seus herdeiros. Somente depois de passados setenta anos desde a criação da obra, ela se torna de domínio público: ou seja, utilizável para todos sem a necessidade de autorização.

⁵ BRASIL. Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em 05.10.2016 às 12h18.

Os direitos autorais servem para proteger autor e obra em casos de plágio, por exemplo, ou de utilização por terceiros, sem a autorização expressa do autor e sem os devidos créditos.

Segundo a lei brasileira, é necessária a autorização expressa do autor para reprodução total ou parcial da obra, a edição, adaptação ou arranjos musicais, tradução para qualquer idioma, a inclusão em produção audiovisual, a distribuição (quando não acordada com o autor), utilização direta ou indireta em outras produções literárias, artísticas e audiovisuais, e por fim “quaisquer outras modalidades de utilização existentes ou que venham a ser inventadas”⁶.

Existem situações específicas que não ferem o direito do autor, que se limita a reproduções em veículos de imprensa, por exemplo, de maneira noticiosa ou para fins de estudo (as críticas e resenhas), reprodução sem fins lucrativos voltada para deficientes visuais, reprodução de pequenos trechos para uso privado do copista, entre outros discriminados ao longo do artigo 46 da lei de 1998. Paráfrases e paródias da obra também não necessitam de autorização prévia do autor, assim como obras sitiadas em locais públicos (como ruas e parques)⁷.

Além do conflito entre *fanfics* e direitos autorais - afinal, a lei brasileira é bem expressa quanto à reprodução parcial, adaptações ou qualquer outra modalidade que possa ser criada - existe também um conflito mercadológico com a indústria cinematográfica e fonográfica, que são detentoras de direitos sonoros e de imagem, e tem a autorização para explorar financeiramente as obras sob sua tutela.

Segundo Carlos Liguori, advogado da FVG e especialista em Direito Digital e Propriedade Intelectual, as fanfics vivem numa “área cinzenta” da lei brasileira de direitos autorais. Isso porque a lei proíbe citações diretas ou reproduções parciais de obras

⁶ BRASIL. Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em 05.10.2016 às 12h18.

⁷ BRASIL. Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em 05.10.2016 às 12h18.

protegidas. “Muitas pessoas afirmam que a fanfic é uma citação ou reprodução parcial por causa de personagens, o que não é” conta Liguori, “O personagem não é um trecho de uma história, ele é um elemento”. Esse tipo de produção derivada não está prevista na lei, o que, segundo ele, deixa os autores e administradores de sites legalmente desprotegidos.

E é por isso que muitas autoras de fanfics mudam os nomes de seus personagens antes de transformar suas histórias em livros: lucrar com elementos protegidos por direitos autorais é crime. Quando E. L. James alterou o nome de Bella Swan para Anastasia Steele (e o mesmo com todos os outros personagens que aparecem em Cinquenta Tons de Cinza que foram tirados da saga Crepúsculo), ela saiu da “ilegalidade” e passou a ter seus próprios direitos autorais garantidos por lei.

Liguori diz que é necessária uma revisão lei de direitos autorais brasileira seja revista, de forma a proteger o autor e os fãs, e desse modo, estimular a criação. “O que posso afirmar é que, na dúvida, fanfic é errado. Não devia, mas é” conclui.

2.7 Coisa de “gente grande”

Essa seção dedica-se a mostrar casos dessas quatro autoras famosas que, um dia, escreveram *fanfic*, como aconteceu com Meg Cabot e E. L. James, por exemplo. Outras autoras juvenis também tiveram um início humilde, escrevendo para seus *fandoms* preferidos. As apresentações das autoras são contadas de forma resumida, acompanhada de suas respectivas fotos.

Meg Cabot - Meg Cabot, mais conhecida pela série O Diário da Princesa (que inclusive virou filme, adaptados pela Disney, estrelando Anne Hathaway) e de mais 60 títulos de ficção para jovens e adultos, escrevia fanfic de Star Wars quando era adolescente e é super a favor da prática.

E. L. James - A britânica E. L. James sempre quis escrever uma história pela qual seus leitores se apaixonassem. E dessa vontade surgiu "Master of the Universe", uma fanfic de Crepúsculo que posteriormente se converteu na trilogia Cinquenta Tons de Cinza, que vendeu mais de 100 mil cópias ao redor do mundo.

Cassandra Clare - Cassandra Clare é autora da série best seller "Os Instrumentos Mortais", que teve o primeiro volume, Cidade dos Ossos, transformada em filme. Ela também escreveu a série Shadowhunters, que está sendo atualmente adaptado pelo Netflix. O gosto de Clare pela fantasia também reflete nas fanfics que escreveu sobre Harry Potter e O Senhor dos Anéis.

Anna Todd - Anna Todd já tem 7 livros publicados nos EUA, todos parte da série After - que começou como uma fanfic de One Direction, com o cantor Harry Styles em um dos papéis principais. A fanfic foi a primeira a chegar a um bilhão de acessos no Wattpad.

2.8 Autor versus fanfic

Nesta parte da reportagem, vemos a opinião de autores (George R. R. Martin e Anne Rice) que, diferente no tópico anterior, são expressamente contra a produção de fanfics inspiradas em suas criações. São feitos dois painéis, um para cada autor, com foto e sua respectiva declaração sobre fanfiction.

George R. R. Martin, autor da série de livros de Game of Thrones, disse em várias ocasiões que é contra fanfiction. Além de problemas legais e financeiros, Martin não gosta da ideia de pessoas usando seus personagens e ponto.

“Me aborrece que as pessoas ouvem que eu escrevi *fanfiction*, e que isso significa que eu escrevi histórias sobre personagens tirados da obra de outros autores sem o seu consentimento.

Consentimento, para mim, é o ponto principal desta questão. Se um escritor quer permitir ou até mesmo incentivar outras pessoas a utilizar os seus mundos e

personagens, tudo bem. Sua vontade. Se um escritor prefere não permitir... Bem, eu acho que os seus desejos devem ser respeitados". (MARTIN, 2010. Tradução minha)⁸

Porém, mesmo com a opinião expressa de Martin contra as *fanfics*, a produção de é contínua. No site Fanfiction.net (<https://www.fanfiction.net>), que concentra *fanfics* de língua inglesa (mas é possível encontrar histórias em português e espanhol), o primeiro livro de George R. R. Martin da saga *Game Of Thrones*, chamado 'A Song Of Ice and Fire' (Guerra dos Tronos - Crônicas de Fogo e Gelo, no Brasil), tem mais de 5.1 mil obras postadas.⁹ Já na categoria 'Séries de TV', *Game Of Thrones* (cujos direitos de imagem pertencem à HBO) tem mais de 2.6 mil histórias postadas¹⁰

Anne Rice, autora de Entrevista Com o Vampiro, O Vampiro Lestat e outros, também tem um posicionamento contrário às *fanfics* inspiradas em suas obras. Em seu site, com o aviso "mensagem importante de Anne sobre *fanfiction*", ela declara:

"Eu não autorizo *fanfiction*. Os personagens são protegidos por lei (copyright). Me chateia terrivelmente só de pensar em *fanfictions* com meus personagens. Eu aconselho meus leitores a escrever suas próprias histórias com seus próprios personagens. É absolutamente essencial que vocês respeitem meus desejos" (RICE, 2009. Tradução minha)¹¹

2.9 Das telas para as prateleiras

Voltando a falar sobre a profissionalização de *ficwriters*, esta seção trata de quatro autoras brasileiras que escreveram *fanfics* e transformaram seus trabalhos em livros publicados – que não se tornaram exatamente *best sellers*, mas consolidaram seus nomes entre a comunidade de leitores e escritores, e servem de inspiração para *ficwriters* que sonham em ser autoras publicadas.

⁸ MARTIN, George R. R. Someone Is Angry On The Internet - Not a Blog. Disponível em: <<http://grrm.livejournal.com/151914.html>>. Acesso em: 11.10.2016 às 12h00.

⁹ A Song Of Fire And Ice FanFiction Archive. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/book/A-song-of-ice-and-fire/>>. Acesso em 13.10.2016 às 10h21.

¹⁰ Game Of Thrones FanFiction Archive. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/tv/Game-of-Thrones/>>. Acesso em 13.10.2016 às 10h30.

¹¹ RICE, Anne. Anne's Message To The Fans. Disponível em: <<http://annerice.com/ReaderInteraction-MessagesToFans.html>>. Acesso em: 11.10.2016 às 12h37.

A seção é apresentada com caixas-contêiner apresentando: foto da capa do livro, título, autora, o *fandom* para o qual a fanfic foi originalmente escrita, sinopse do livro, link para compra do livro e link para o site onde a fanfic foi originalmente postada, se estiver disponível.

- Sábado à Noite, de Babi Dewet

Fandom: McFly

O primeiro volume da uma trilogia, Sábado a Noite conta a história de Amanda, que é popular na escola e os amigos do seu amigo de infância são considerados os 'marotos' do pedaço por desrespeitarem as regras. Tudo ao seu redor acaba desmoronando quando um amor mal resolvida volta à tona e a sua amizade é posta em prova. Se não bastasse, seu diretor resolve dar bailes aos sábados e uma misteriosa banda mascarada foi convocada para tocar. Quem são os mascarados de sábado à noite?

- A Infiltrada, de Natália Marques

Fandom: Crepúsculo

Membro da máfia italiana Padova, Claire Evans infiltra-se no treinamento militar da agência de segurança nacional norte-americana - NSA - assumindo o pseudônimo de Hailey Dawson. No prazo de um ano, precisa permitir a entrada do maior carregamento de drogas da história no país e matar o generalíssimo Alan Beckert, que tem contas a acertar com a máfia. Sabendo que precisa tirá-lo de seu caminho, Claire aproxima-se do temido militar, mas acaba cometendo o pior de todos os erros: apaixonou-se por ele.

- Entre a Nobreza e o Crime, de Jane Herman

Fandom: Crepúsculo

Irene Hargensen nasceu em uma das famílias mais nobres da Inglaterra do século XXI. Sua vida é afetada quando seu irmão Heinrich, um célebre causador de problemas, é brutalmente assassinado. Querendo vingar sua perda, ela pede ajuda a Viktor Morgan, alto criminoso da Máfia Russa, que aceita ajudá-la, mas cobrando um preço alto demais

para ser exigido de uma dama da nobreza. Irene e Viktor acabam envolvidos num romance em que os limites, provando que os opostos se atraem irremediavelmente.

- Insanatório, de Andie Prado

Fandom: Interativa (fandom à escolha do leitor)

Melissa Parker é uma psiquiatra recém-formada que vê um grande desafio em seu primeiro emprego, na casa de custódia e tratamento psiquiátrico St. Marcus Institute. Dentre os pacientes está Corey Sanders, condenado à prisão perpétua por um crime do qual jura ser inocente. Enquanto tenta se adaptar à rotina de seu novo trabalho, Melissa se vê tentada a descobrir mais sobre Corey, desvendar seus segredos e esclarecer de uma vez por todas se ele é ou não culpado do assassinato que tirou a sua liberdade, além de ter que lidar com a sua presença sobrenatural que a atormenta pelos corredores.

2.10. Ouvindo o outro lado.

Nesta seção é apresentada uma reportagem radiofônica com Renata Moritz, editora de livros da Editora Paralela, e responsável pela publicação de *After* no Brasil. Na entrevista, Renata conta como funciona o processo de publicação de um livro – e como aconteceu com *After*.

Durante a entrevista, ela revela que *After* foi o primeiro livro vindo de uma fanfic publicado pela editora, mas destaca que a Paralela não tem foco específico no segmento de fanfictions. O objetivo da editora é aproximar-se do público jovem – e do público jovem que lê e escreve fanfic.

Quando questionada sobre o porquê desse movimento de autoras da internet, onde todo mundo pode ler, para o livro, ao qual poucos têm acesso, Renata ressalta o papel da editora nesse processo. Antigamente, ela diz, as editoras aproximavam a literatura do público. Hoje em dia, com a possibilidade da auto publicação pela internet, as editoras devem buscar construir pontes entre leitores e autores. Ela cita, por exemplo,

o trabalho da Paralela em trazer Anna Todd para o Brasil como participante de várias bienais pelo país.

A entrevista na íntegra está no Anexo VII.

2.11 'Garota de Domingo': *fanfic*, livro e websérie

Nessa seção é apresentado o caso de uma *fanfic* que foi muito além da versão em livro. Escrita por Letícia Black, 'Garota de Domingo' foi adaptada para websérie – mostrando que não há limitações para as *fanfics* nem para as *ficwriters*. É apresentada uma grande entrevista com a autora, Letícia Black, que conta como descobriu as *fanfics*, como escrever a ajudou num processo de adaptação em uma nova escola, o processo por trás da produção da websérie, e como se sente ao ser uma referência para suas leitoras.

Letícia Black tem 25 anos e é natural do Rio de Janeiro. Começou a escrever *fanfic* de Harry Potter em 2003, quando tinha 13 anos, e passou a se aventurar em *fanfics* interativas em 2007, com *fanfics* de McFly. Tem atualmente cerca de 70 *fanfics* de todos os gêneros e gostos. Seu primeiro livro, 'Contos De Uma Fada', foi publicado em 2012. Seu segundo livro, 'Garota de Domingo', foi publicado em 2014 - e ela não pretende parar.

Garota de Domingo começou como uma *fanfic* interativa no FFOBS, foi revisada e publicada como livro em 2014. No mesmo ano, foi lançada no YouTube uma websérie inspirada no livro. A série só teve uma temporada com dez capítulos, e foi roteirizada e dirigida por Bruna Canivello, que era uma leitora da Leka Judd, como Letícia era conhecida no começo da carreira de *ficwriter*.

A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo IX. A entrevista é seguida por uma caixa-contêiner que contém as informações sobre o livro, com sinopse e links, nos mesmos moldes que os livros apresentados no tópico anterior.

- Garota de Domingo, de Letícia Black

Fandom: Interativa

Essa é a história de Pam, uma garota apaixonada, que descobre que Davi, seu eterno romance, tem uma namorada diferente para cada dia da semana. A mexer na sua agenda, ela encontra o seu nome anotado em domingo, com a observação 'uma garota que seja para sempre' e resolve mostrar a ele que ela poderia ser todas aquelas garotas numa só. Com isso, uma grande aventura doce e cheia de conflitos se segue, até que Pam descobre os verdadeiros motivos de Davi manter aquela peculiar rotina.

2.12 Escolha seu estilo.

Aqui são descritos três tipos de *fanfics* que existem com relativa popularidade. Divido essas três categorias por "estilo" de leitor: tradicional, interativo, participativo. Ao final de cada texto, é indicado um site especializado em *fanfic* para o estilo descrito.

Tradicional: se você prefere uma leitura mais tradicional, aos moldes dos livros, a *fanfic* "tradicional" é o seu tipo de *fanfic*. Nela, tudo se desenrola da forma como conhecemos: temos os personagens delimitados, um enredo, começo, meio e fim. Esse tipo de *fanfic* é o mais fácil de ser encontrado nos sites, e é a que mais se inspira nos moldes tradicionais da literatura. Site indicado: *Nyah! Fanfiction* (<https://fanfiction.com.br>).

Interativo: se você já é aquele leitor que gosta de mergulhar de cabeça na história e, se pudesse, faria parte dela, a *fanfic* interativa foi feita para você. Nela, o autor abre algumas "lacunas" na história para que o leitor complete com informações do tipo: nome, apelido, cor dos olhos, nome do seu ídolo... E isso acaba transformando o leitor no personagem principal da história. Atenção: essas mudanças não alteram o decorrer da história, só nomes e características de personagens, caso o autor possibilite essas alterações. Site indicado: *Fanfic Obsession* (<http://fanficobsession.com.br>)

Participativo: agora se você gosta de um trabalho em equipe, esse outro estilo de fanfic interativa vai servir como uma luva. Nesse tipo de fanfic, o autor elabora um pré-enredo e abre um "edita! para que outros autores possam entrar na história criando seus próprios personagens. Com informações sobre todos seus "autores-personagem" em mãos, o autor original vai adaptando seu enredo, contanto com a ajuda de seus personagens - ou nem tanto. Cabe a ele decidir o nível de participação dos colaboradores. Site indicado: *Spirit Fanfics* (<https://spiritfanfics.com/>)

2.13 Quem paga a conta?

Por causa da lei de direitos autorais, é crime ganhar dinheiro com *fanfics* - afinal, estão usando o ganha-pão de outra pessoa para fazer dinheiro. Por isso todas as *ficwriters* trocam os nomes de seus personagens e outros detalhes de suas histórias antes de serem publicadas por editoras. Com isso, elas ficam dentro da lei e tem seus próprios direitos autorais protegidos pela justiça.

Por ser estritamente uma prática sem fins lucrativos, alguns sites de *fanfics* precisam de uma ajudinha dos leitores para se manter no ar. O *Fanfic Obsession* faz vaquinhas online periodicamente e rifas para arrecadar dinheiro para manter os servidores que mantém o site funcionando - e crescendo.

Nos primórdios do FFOBS (como é conhecido entre seus usuários) eram utilizados servidores gratuitos, conta a equipe que administra o site. Mas chegou a um ponto que haviam tantas *fics* no ar, que o site estava “pesado demais” para o suporte limitado que era oferecido, então foi preciso partir para o domínio pago – era isso ou o site ia viver em queda de servidor.

“A gente começou a pedir contribuições quando começou a ficar difícil de bancar o servidor” conta a equipe “Já que é um serviço que prestamos com carinho e de forma gratuita às pessoas, pensamos em deixar aberto *pra* quem quisesse e pudesse ajudar”.

De uns tempos para cá, o site começou a receber banners com publicidade e *ads*. A quantia não é lá muito significativa, mas que ao final do mês, ajuda a contribuir com as despesas. Vaquinhas online e rifas, onde a equipe realiza o sorteio de livros e CDs também acontecem de maneira periódica para ajudar a manter o orçamento.

A necessidade demandou por criatividade, e as administradoras lançaram mão de outro recurso para angariar fundos para manter os servidores: *fanfics* do site adaptadas para livretos. “Eles eram simples, mas encomendados com uma gráfica e feitos bonitinhos. Para quem estivesse interessado, era só entrar em contato para fazer o pedido e aí receber as instruções *pro* pagamento. No momento que o pagamento estivesse confirmado, nós enviávamos o livreto pelo correio”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo de feitura deste trabalho, tanto a pesquisa teórica quanto sua realização prática, auxiliaram a conhecer muito mais profundamente, um fenômeno do qual faço parte, mas sobre o qual não tinha o menor conhecimento – ou sobre o qual não tinha parado para analisar da maneira como tive a oportunidade de fazer.

As *fanfics* são uma revolução, desde os seus primórdios – e por primórdios, podemos inclusive pensar no fã inconformado de Dom Quixote, que resolveu criar sua própria continuação, desafiando a maior de todas as figuras da literatura: o Autor, por tradição, o único permitido a criar sobre sua própria obra.

Podemos ir ainda mais além nesta reflexão e trazer Shakespeare para a lente de análise. O que seriam de suas obras sem inspiração clara em elementos da mitologia? E o que seria da notoriedade de Shakespeare sem seus admiradores?

Há muito mais por trás do ato de se criar do que apenas colocar palavras no papel. Como Barthes disse, em *A Morte do Autor*, a escrita é a junção de vários retalhos, advindos de diferentes fontes de inspiração. Não há como criar sem inspiração. Não há inspiração sem um elemento pré-existente, criado por outra pessoa, para inspirar.

Isso nos leva a outro ponto de reflexão: a cultura é uma grande convergência. Escrever é uma convergência. Consequentemente, *fanfic* é o fruto da convergência entre as mais variadas formas de culturas e de se produzir novas formas de cultura.

Não podemos anular o papel da internet e o modo como a web reconfigurou e resignificou as relações e as produções culturais humanas. Sem a bolha da internet, as *fanfics* ainda estariam confinadas à pequeníssimos nichos, para acesso exclusivo de um limitado número de fãs.

E justamente graças a intersecção entre esses dois fenômenos (*fanfics* e internet) que uma grande quantidade de pessoas pôde encontrar, nas comunidades e nos *fandoms*, um espaço para exercerem seu amor de fã e contribuírem para a produção de uma nova cultura: a cultura do fã.

E assim como aconteceu com diversos elementos culturais que começaram como algo voltado para um nicho, como o samba, como o funk, como a literatura de fantasia, como as redes sociais (como os casos clássicos do *Orkut* e *Facebook*), algumas *fanfics* cresceram além de suas limitações e viraram cultura “de massa” (digo massa no sentido de um grande número de pessoas). *Cinquenta Tons de Cinza* e *After*, por mais que possam ter sua qualidade literária questionada, são ícones importantes e que não podem ser ignorados por ninguém que queira estudar o fenômeno das *fanfics*.

Este trabalho foi pensado de maneira especial para todos aqueles que leem e escrevem *fanfic*, para que conheçam mais de seu próprio universo e para que se inspirem a continuar escrevendo e contribuindo para o crescimento deste fenômeno. Mas também foi elaborado de forma a introduzir o termo “*fanfic*” e seu formato de maneira correta para quem não tem nenhum conhecimento sobre o assunto. Atualmente, o termo *fanfic* é confundido com histórias criadas, sobretudo nas redes sociais, tomadas como verdadeiras. Geralmente, essas histórias são carregadas de alguma moral ou ensinamento, envolvendo temas como política, racismo, representatividade ou feminismo. Por conta as circunstâncias quase irreais de muitas dessas histórias, passaram a ser chamadas, de maneira totalmente equivocada, de *fanfic*.

Acima de tudo, esse trabalho foi a forma de “unir o útil ao agradável”. Usando mão de toda a experiência e conhecimento sobre a prática jornalística aprendidos, para falar sobre um assunto que faz parte da minha vida desde os onze anos de idade. O fato de realizar esse tipo de produto na internet, e não em outro formato, é para que ele, assim como as *fanfics*, esteja disponível para qualquer pessoa ler, pelo computador ou pelo celular, totalmente de graça e da maneira como preferir. Qualquer outro formato não faria o menor sentido.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

BARTHES, Roland. *A morte do autor. O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays*. McFarland, 2006.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo, Editora Paulus, 2007.

Webgrafia

ALTER, Alexandra. *The New Queen of Fantasy: Cassandra Clare's Breakout*. The Wall Street Journal. Disponível em:

<<http://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303734204577464593388416630>>.

Acesso em 24.09.2016 às 11h12.

BRAGUIM, Guilherme. *A (i)legalidade da fan fiction no direito autoral brasileiro*.

Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-fev-28/gulherme-braguim-ilegalidade-fan-fiction-direito-brasileiro>>. Acesso em 14.09.16 às 12h35.

BRASIL. Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em 05.10.2016 às 12h18

CABOT, Meg. Fan Fiction - Meg Cabot. Disponível em:

<<http://www.megcabot.com/2006/03/114184067156643148/>>. Acesso em 23.09.16 às 18h40.

Fifty Shades of Grey. E. L. James. Disponível em: <<http://www.eljamesauthor.com/>>.

Acesso em 23.09.2016 às 18h21.

JOSE, Maria; TENUTO, John. *Star Trek Spocknalia*. Disponível em:

<<http://www.startrek.com/article/spocknalia-the-first-star-trek-fanzine>>. Acesso em 11.09.2015 às 11h26.

KURP, Josh. Read 'Twilight' Fan Fiction 'Fifty Shades Of Grey's E. L. James. Disponível em:

<<http://uproxx.com/webculture/revisiting-fifty-shades-of-grey-author-e-l-james-twilight-fan-fiction-as-snowqueens-icedragon/>>. Acesso em 14.10.2016 às 13h26.

MARTIN, George R. R. Someone Is Angry On The Internet - Not a Blog. Disponível em:

<<http://grrm.livejournal.com/151914.html>>. Acesso em: 11.10.2016 às 12h00

MILLER, Laura. *Your Guide To The Fanfiction Explosion*. Disponível em:

<<http://www.vulture.com/2015/03/fanfiction-guide.html#>>. Acesso em 23.09.16 às 14h02.

RICE, Anne. Anne's Message To The Fans. Disponível em:

<<http://annerice.com/ReaderInteraction-MessagesToFans.html>>. Acesso em:

11.10.2016 às 12h14

WEST, Jordan. *None Of This Is New: An Oral History of Fanfiction*. Disponível em:

<<http://www.themarysue.com/none-of-this-is-new-an-oral-history-of-fanfiction/>>. Acesso em 11.09.2016 às 13h05.

ANEXOS

ARTIGO CIENTÍFICO

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DIGITAL NA ESTRUTURA DAS FANFICTIONS E NA CONSOLIDAÇÃO DA CULTURA DO FÃ

BATISTA, Barbara Carvalho

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como a web, seu formato e sua linguagem ajudaram na configuração das *fanfictions* até o formato como são conhecidas hoje. Também como as *fanfics* e os *fandoms* encontraram na internet a ambiência necessária para incubar e desenvolver seu universo, fortalecendo sua influência na cultura popular, na indústria cultural e no seu próprio segmento: a cultura do fã. Além disso, investigar a forma como ambos os elementos – a internet e a *fanfic* – se apresentam como rompedores de paradigmas tradicionais de comunicação, típicos dos meios de comunicação unilaterais como a televisão e o rádio.

Palavras-chave: fanfiction, internet, convergência, comunicação, digital.

ABSTRACT

This work aims to analyze the manner in which web and digital language helped to set and operate in the development of fan fiction to the format that it's known today. In addition, how fan fiction and fandom have found on the internet the ambience required to incubate and develop their universe, by boosting its influence on popular culture, cultural industry and its own segment: the fan culture. Also, investigate how both elements - the internet and *fanfic* - present themselves as breakers of traditional communication paradigms, typical of unilateral media like television and radio, which had its influence in human life fragmented.

Key words: fan fiction, internet, convergence, communication, digital.

INTRODUÇÃO

Fanfiction – termo que pode ser encurtado para *fanfic* ou apenas *fic* – é, de maneira simplificada, o nome dado à uma obra criada por um fã, com inspiração em um trabalho original, seja um livro, um filme, um seriado, ou até mesmo usando celebridades reais,

como cantores e atores. Uma *fanfic* é uma obra escrita de cunho literário, que pode assumir diversas formas, desde contos, até romances e sagas completas.

Pode-se classificar a linha do tempo das *fanfics* como “antes da internet” e “pós-internet”. A chegada da *world wide web* e sua inserção nas vidas humanas – primeiro, com os computadores, depois, os notebooks e internet sem fio, e então através de smartphones – impactou de forma crucial a maneira de se criar, ler e compartilhar *fanfic* e sua relação com a cultura pop, com a indústria cultural e com o surgimento de seu próprio espaço no contexto da recente cultura do fã.

Segundo Hellekson e Busse (2006), a teoria mais aceita para a origem das *fanfics* é de que surgiram por volta dos anos 60 e 70, durante o auge da popularidade da série de ficção científica *Star Trek*. Os fãs da série passaram a produzir e compartilhar entre si diversos produtos como *fanfictions*, *fan arts* (desenhos de fã), *fanzines* e outros

Mas, para a *fanfic* chegar até a forma como conhecemos atualmente, foram precisos mais de trinta anos e de uma revolução, com o surgimento da internet e a consequente disseminação de seu uso pela população, que começou nos anos 90 e ganhou força nos anos 2000. Graças a esse acesso a um número cada vez maior de sites, blogs e fóruns, disponíveis tanto para ler, quanto para produzir e publicar conteúdo de maneira fácil e gratuita, as *fanfics* puderam crescer e se expandir dentro da web.

Somado a isso, foram cruciais para o crescimento das *fanfictions* os lançamentos de grandes franquias de filmes e sagas de livros juvenis que ocorreram na primeira década dos anos 2000, como Harry Potter, O Senhor dos Anéis, a saga Crepúsculo. Essas obras foram responsáveis pelo surgimento de grandes *fandoms*, expressão usada para definir as grandes comunidades de fãs de um determinado cânone - ou seja, de um determinado filme, saga de livros, seriado, ou mesmo de bandas, cantores e atores. Os participantes dos *fandoms* tornaram-se, conseqüentemente, grandes produtores e consumidores de conteúdo oriundos dos diversos segmentos da cultura pop.

É impossível dissociar as *fanfictions* do conceito de *fandom*, A internet ajudou a agrupar o que antes eram indivíduos isolados, que ao longo dos anos ganharam mais corpo e influência dentro de seus ambientes de atuação dentro da internet, conforme a tecnologia avança no século XXI. Os *fandoms* têm um papel muito importante, pois são seus integrantes que escrevem as *fanfictions*, que as leem e engrossam as visitasões

nos sites de publicação, e são o centro da cultura do fã, onde produzem, de fãs para fãs, as mais diversas formas de manifestações culturais.

Essa constante participação do *fandom* acaba por tornar a fanfic uma espécie de “obra aberta”, dada a possibilidade de trocas constantes entre os *ficwriters* e seus leitores e de influências externas (inclusive de outros cânones) ao longo da produção da *fanfiction*, que costuma funcionar num sistema similar ao das novelas, em capítulos periódicos, cujo curso da história se torna imprevisível, passível de alterações a qualquer instante – muito diferente do que acontece com um livro ou um filme, que chega nas mãos do fã pronto e “fechado”.

DESENVOLVIMENTO

A web como ambiente propício para a produção e publicação de qualquer conteúdo.

Desde a criação de redes virtuais para fins militares e acadêmicos entre os anos 60 e 80, o uso do computador sempre teve um objetivo claro: a criação e o compartilhamento de informação. Isso ficou mais cristalizado com o uso comercial da internet nos anos 90, com o desenvolvimento de interfaces cada vez mais simpáticas ao usuário comum, permitindo-o navegar pela rede com mais facilidade, acessando fóruns, blogs e sites e compartilhando suas próprias informações na rede.

Iniciam-se então os primeiros passos do rompimento de um dos sistemas comunicacionais mais tradicionais estabelecidos, de emissor-mensagem-receptor, típico dos meios de comunicação tradicionais que tinham domínio até o surgimento da internet – com atenção especial ao livro, uma vez que este exerceu uma influência na sociedade desde a invenção da prensa de Gutemberg; e à televisão, que era o meio de comunicação mais influente na época.

Com a possibilidade de navegação e compartilhamento remoto, o modo como o indivíduo moderno passou a consumir mídia foi impactado profundamente, ainda que essa mudança tenha sido lenta e gradual, ocorrendo ao longo dos anos 2000, com a

popularização da internet. E, naturalmente, essa mudança chegou aos *ficwriters*. O ato de ler ou assistir deixa de ser algo passivo e isolado. O fã agora pode compartilhar suas ideias e interpretações, dando continuidade ao fluxo comunicacional. Não só pode criar uma nova estória, com versões alteradas dos acontecimentos, uma continuação ou acontecimentos paralelos, como pode compartilhar aquela versão com outros fãs e receber, graças à essa opção oferecida pela internet, um feedback das impressões que causou em seus leitores.

Esse rompimento do paradigma de comunicação unilateral só ocorre graças à possibilidade de “interconexão” que a internet oferece. O termo “interconexão” é usado por Pierre Lévy (1999) para designar todas as interações remotas e instantâneas que acontecem dentro do ciberespaço, entre indivíduos que não dependem de localidade temporal ou geográfica para se conectarem na web. São vários pontos no mundo se conectando ao mesmo tempo, interagindo de forma multilateral, muito diferente da forma ao qual a humanidade estava acostumada, quando o máximo de interação que se podia ter era o ato de falar ao telefone ou trocar correspondências. De acordo com Lévy (1999), com a interconexão, substitui-se a ideia de um canal de comunicação pela sensação de um espaço que envolve a todos. Os canais não estão mais dentro do espaço, o espaço acaba tornando-se um canal de interação, derrubando as fronteiras de comunicação, tempo e espaço ao qual a sociedade estava habituada com os meios tradicionais.

Com a quebra dessa configuração, todo internauta passa, então, a ser um autor e leitor em potencial, acaba por romper também com outro forte paradigma na era préinternet: o da valorização da figura do autor. Lévy descreve esse rompimento como o declínio da imagem do autor, que se aprofunda conforme a internet se fortalece. Isso porque o autor está fortemente ligado aos sistemas tradicionais de comunicação que o valorizam.

“Assim como a correspondência entre indivíduos fizera surgir o ‘verdadeiro’ uso do correio, o movimento social que acabo de mencionar inventa provavelmente o ‘verdadeiro’ uso da rede telefônica e do computador pessoal: o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária” (Lévy, 1999, pg. 125).

Já Barthes (2004) argumenta que a valorização do autor, em detrimento de sua obra, surgiu com as correntes iluministas e o estabelecimento do etnocentrismo nas

sociedades ocidentais. Com a valorização do indivíduo, a literatura passa a centralizar na figura do autor, como se a ficção fosse um modo do autor expor sua voz e suas “confidências”.

Essa desconstrução da autoridade do autor (ou, segundo Barthes, sua morte) se dá porque a linguagem – o código – só reconhece o sujeito, não a pessoa que o produz. Para um texto, apenas a linguagem se basta para tecer a narrativa. O papel de atribuir valor e significado, de decodificar os signos e atribuir valor, é inteiramente do leitor. E o nascimento do leitor só se dá pela morte do autor.

Santaella (2007, pg. 90) atribui essa superestimação do autor à forte influência da literatura impressa na sociedade. A estabilidade física do livro e da letra impressa sobre o papel garantem autoridade ao autor e imaculidade à sua obra, pois uma vez impressa, não é mais passível de alteração. A criação de uma *fanfic*, dentro ou fora da internet, põe em contestação até onde o autor é realmente dono de sua criação.

Com o fortalecimento do sistema de comunicação multipolar da internet, a figura do autor deixa de ser soberana. O internauta apropria-se da obra da qual é fã, e se torna o novo autor de uma nova história, e terá novos leitores, que poderão inspirar-se naquela *fanfic* para criar outros *fan works* – uma dinâmica muito semelhante à de uma cadeia alimentar, com o autor posicionando-se na base.

Desse modo, a *fanfiction* fragmenta a relação do fã com o objeto de sua devoção, que deixa de ser algo sagrado, intocável. A relação é reestabelecida dentro do universo da *fanfic*, onde o fã encontra outra forma de relacionar e interagir com a obra de sua afeição, e acaba por se tornar o autor de uma nova obra.

Isso mostra que, atualmente, apenas consumir, da maneira inerte e passiva como estabelecida pelos meios tradicionais, não é suficiente. A evolução tecnológica dos últimos vinte anos não alterou só o modo como o indivíduo se comunica e como interage com o mundo ao seu redor; alterou também o modo como se consome produtos de todos os tipos.

A possibilidade do *feedback* garantida pela internet, e levada ao seu máximo com o acesso remoto à rede através de *smartphones*, alterou o modo como produtores e consumidores se relacionam. O fã não se sente satisfeito em apenas ler a um livro e assistir ao filme e compartilhar suas impressões com um grupo de amigos – e ponto final.

Ele quer discutir em fóruns, em bate-papos com amigos, quer enviar mensagens ao autor e atores através das redes sociais, e quer imergir dentro daquele universo.

McLuhan (2007) diz que “o meio é a mensagem”, ou seja, que a mensagem do meio não é seu conteúdo, mas sim a forma como esse meio altera as relações e as dinâmicas das vidas humanas. A internet veio como um meio poderoso no sentido de fragmentar e reestabelecer as relações humanas. Uma vez reconhecida como meio – (graças à definição de meio cunhada por McLuhan –), a *fanfiction* fragmenta a relação do fã com o objeto de sua devoção, que deixa de ser algo sagrado, intocável. A relação é reestabelecida dentro do universo da *fanfic*, onde o fã encontra outra forma de relacionar e interagir com a obra de sua afeição, e acaba por se tornar o autor de uma nova obra.

E se determinado ponto do enredo tivesse ocorrido de forma diferente? E se o motor da história fosse outro? Como esses personagens se encaixariam em outro universo? E se outro casal, em vez do oficial, tivesse acabado junto?

Com isso está dado o estopim do fenômeno das *fanfics*. A possibilidade de se criar paradoxos literários dentro da própria literatura. De interagir com um enredo aparentemente estático, e de brincar com possibilidades.

Mais do que uma brincadeira de fã, as *fanfics* são uma manifestação cultural que só pode existir em larga escala nos tempos atuais. Se não fosse a rede de computadores e sua capacidade de interconexão, a possibilidade de se tornar ponto de encontro de milhares de pessoas para participarem de um único *fandom*, as produções continuariam marginais e pouco conhecidas, compartilhadas entre fãs, como acontecia com as *fanfictions* de *Star Trek* em seu início.

Fanfic e fandom: – uma relação intrínseca.

Uma vez dentro do ciberespaço – (termo utilizado por Lévy para designar a ‘rede’) –, os indivíduos, em determinado momento, irão procurar por grupos onde possam conviver e interagir. Formam-se assim as comunidades virtuais: locais de discussão e desenvolvimento coletivo dentro da web. São grupos de pessoas que compartilham informações e interagem entre si, e que podem ter os mais variados temas. Essas

comunidades podem se dividir de acordo com o espaço onde estão localizadas, (como dentro de um fórum ou numa rede social específica).

“[...] Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” (Lévy, 1999, pg. 127)

No caso das *fanfics*, podemos elencar os *fandoms* como grande exemplo dessas comunidades, onde os fãs se reúnem através de canais variados para compartilhar suas impressões, suas opiniões, e onde podem produzir seus *fan works*. Ou as comunidades de *fanfics*, onde escritores e leitores de um determinado site, um determinado *fandom* ou um determinado estilo, podem ler e publicar *fanfics* à vontade, sem a necessidade do crivo de um editor ou a necessidade de pagar por isso.

Jenkins (2006, pg. 56-57) expande a ideia de comunidades virtuais como um rompimento com antigas formas de comunidades sociais, especialmente a aquelas a quem que a participação do indivíduo é condicionada socialmente. Simultaneamente, outras configurações de comunidades surgem online – estas, diferentes de algumas comunidades off-line, ocorrem por afiliação voluntária do indivíduo. Essa participação dentro da comunidade virtual, segundo Jenkins, pode ser temporária e tática, já que seus membros têm a liberdade de mudar de um grupo para o outro, ou participar de mais de um grupo ao mesmo tempo, de acordo com o seu interesse e engajamento.

Das comunidades virtuais, vem surgem a consequente existência online dos *fandoms*, que se unem de acordo com suas preferências, e passam a, naturalmente, produzir e consumir *fanfics* e outros *fan works* relacionados dentro de seus espaços específicos de atuação. Os *fandoms* dividem-se pela web, e parecem dispersos, alguns "desenhando" para o *fanart.com*, lendo no Wattpad, compartilhando montagens em formato .gif no Tumblr e subindo *hashtags* no *Twitter* em prol de seus ídolos.

Esses vastos agrupamentos de fãs, em seu dia a dia, agem de maneira inconsciente, para a inteligência coletiva de suas comunidades e respectivas subcomunidades e divisões. De acordo com Lévy, a inteligência coletiva acontece quando há uma sinergia entre os indivíduos, compartilhando suas *expertises*, memórias e opiniões em prol de um desenvolvimento desse coletivo.

Nesse contexto, a inteligência coletiva dentro dos *fandoms* ocorre de diversas maneiras, separadamente ou simultaneamente, de maneira geral ou dentro de suas subdivisões específicas. Ocorre quando pessoas que se dedicam a disponibilizar links de *streaming* de episódios inéditos que estão sendo transmitidos ao vivo na TVtv americana para que fãs de outros países possam acompanhar; são grupos de pessoas que se juntam para legendar seriados e disponibilizá-los para download ou streaming online gratuito; *ficwriters* que se dispõem a traduzir *fanfics* para seus compatriotas; campanhas criadas para que pessoas revisem as *fanfics* de autoras para corrigir erros de grafia, deslizes escorregões gramaticais e a coerência e coesão do roteiro; campanhas para pedir que pessoas que tenham habilidades em programa de edição de imagens criem capas e pôsteres para *fanfics* de outras escritoras sem conhecimentos nesses programas.

Os *fandoms*, essas comunidades virtuais de fãs, fazem muito mais do que ir aos shows, assistir aos episódios, e dar audiência em geral, para os seus cânones. Os fãs agem dentro de suas comunidades em prol de um desenvolvimento coletivo, mesmo que não se deem conta disso. E, com essas atividades, ajudam a fortalecer sua própria cultura – e a influenciar aqueles que produzem a cultura.

Essa influência transcendeu o mundo virtual de diversos modos. O primeiro deles foi na relação entre fã e ídolo – que passa a ser muito mais estreita e acessível graças aos intermediários das redes sociais, onde cantores pop e atores de filmes e seriados podem interagir com fãs e compartilhar detalhes de sua vida profissional e pessoal pelos mais diversos canais. A internet age aqui como um meio que fragmenta a relação distante que era estabelecida entre fã e ídolo, que passa a ser muito mais próxima dentro das redes sociais e aplicativos de compartilhamento.

Sem essa atitude a favor do próprio fortalecimento, as comunidades de *fanfictions* nunca teriam prosperado da maneira como fizeram. A comunidade formada por leitores e escritores tem números robustos, tanto de produção, quanto de acesso. Somente no *Wattpad* (plataforma especialmente desenvolvida para a publicação de e-books, que existe tanto em site quanto em aplicativo para acesso remoto) existem mais de 58 milhões de *fanfics* publicadas globalmente na plataforma; mais de 60 mil são atualizadas por dia. Além disso, o *Wattpad* conta com nove bilhões de acessos por mês; dois bilhões de

minutos de leitura de *fanfics* pelo site ou pelo aplicativo e está disponível em 50 línguas diferentes.

Outro site bastante popular, em língua inglesa, o *Archives Of Our Own*, foi criado em 2007 de fãs para fãs, com o intuito de compartilhar *fan works* e a cultura da comunidade em geral. Popularmente conhecido pela sigla A3O, o site concentra números impressionantes que refletem a popularidade de elementos da cultura pop atual. *Fanfics* sobre o seriado *Supernatural* ultrapassam o patamar de 133 mil trabalhos. Ainda sobre seriados, *Teen Wolf* concentra pouco mais de 73 mil trabalhos.

Na categoria de “todos os tipos de mídia”, Harry Potter, que obteve sucesso tanto em livros quanto em suas versões cinematográficas, bate a marca de 95 mil *fanfics* inspiradas no universo criado por J. K. Rowling. Já seu conterrâneo, Sherlock Holmes ultrapassou 90 mil trabalhos, mostrando que, mesmo depois de mais de um século desde sua primeira aparição (em “Um Estudo em Vermelho”, 1887), o detetive continua *pop*, graças à sua constante reinvenção na tevê e no cinema. Já a categoria “pessoas da vida real”, a banda britânica *One Direction* ganha em disparada e aparece na liderança do ranking, com respeitáveis 47 mil trabalhos totalmente voltados aos seus integrantes. Já os chamados “trabalhos originais” acumulam pouco mais de 19 mil histórias. O *Archives Of Our Own* é predominantemente em inglês, mas possui *fanfics* publicadas em línguas como espanhol, português e russo.

No Brasil, o site *Fanfic Obsession*, (conhecido entre seus usuários como FFOBS,) concentra mais de um milhão de visitas apenas no primeiro semestre de 2016, e uma média de 9 mil visitas por dia. Desde seu nascimento, em 2009, o site mantém um acervo de 10 mil *fanfics* do gênero interativo, com média de 1.300 novas *fanfics* e 2 mil atualizações postadas ao ano. Isso sem levar em consideração *fanfics* que foram descontinuadas ou tiradas do site a pedido de suas autoras.

A infraestrutura das *fanfics*: vanguarda tradicional.

A influência da literatura vai além das inspirações para a criação de novas *fanfictions*. O formato clássico de romance também é utilizado para os fãs contarem suas

reinterpretações e criações: quantidade maior de capítulos, com personagens principais e secundários, com uma ou mais tramas sendo desenvolvidas ao longo do enredo. Nesse caso, a interatividade é possível apenas pelo sistema de comentários e interação que os sites disponibilizaram entre autor e leitor. Esse diálogo entre ambas as partes, antes impossível sem o advento da internet e sem a proximidade que esta causa, pode ter impactos ou não no modo como o *ficwriter* constrói sua narrativa.

Assim, pode-se dizer que a *fanfic*, por mais que tenha todas as características de um "formato revolucionário" citadas anteriormente, permanece muito fiel ao formato de narrativa tradicional da literatura impressa.

Mesmo mantendo esse formato aparentemente "fechado", há, nas *fanfics* um sentimento de "obra aberta" especialmente porque, uma vez publicada na web, há a possibilidade de interação com leitores e de contato com outras influências de dentro e de fora do universo ambiente virtualonline – especialmente se a *fanfic* é postada ao estilo de folhetim, com capítulos periódicos. A comunidade virtual e a inteligência coletiva agem aqui no sentido de criar uma sinergia que mantém o *ficwriter* motivado a continuar, através de comentários e elogios, e também inspirado, uma vez que muitos comentários vêm com sugestões e transmitem o sentimento dos leitores em relação ao rumo da história, servindo como um "termômetro" para o autor medir o sucesso de seu trabalho, e poder fazer eventuais alterações com ajuda de críticas e ideias dadas por leitores.

Mas não é apenas de tradição que vivem as *fanfics*. Um recurso interessante que a tecnologia oferece aos *ficwriters* – e que é adotado por alguns sites que publicam *fanfics* – é a possibilidade de interação do leitor. Uma interação muito além de uma "caixa de comentários". Esse formato chama-se *fanfic* interativa. Nesse modelo, o leitor tem ainda mais poder na história, podendo oferecer, caso o autor disponibilize, nomes de personagens e características físicas dos próprios componentes da obra, tornando a *fanfic* mais próxima de si – e conseqüentemente, mais atraente, uma vez que o leitor estará mais intimamente relacionado com o roteiro, já que ele foi capaz de contribuir com os próprios pedaços de "retalho" para compor a história.

Isso ocorre graças a alterações que o autor (ou outra pessoa responsável) insere um código *html* especial na página onde a *fanfic* está sendo disponibilizada. Através desse código, algumas lacunas deixadas pelo autor são preenchidas pelo leitor antes que

ele comece sua leitura. Cada lacuna específica (nome, sobrenome, cor dos olhos e dos cabelos, etc. a quantidade de interatividade fica a cargo do autor) então, é substituída pelas respostas do leitor, que tem uma história totalmente personalizada ao seu gosto.

Essa interatividade, além de modificar o próprio conceito de interatividade (que permitiu romper o modelo de interação passiva dos meios de comunicação tradicionais), também influencia diretamente com a possibilidade de o internauta assumir identidades múltiplas dentro do ciberespaço. Essa postura é potencializada pela possibilidade do anonimato na rede, que oferece uma “carta branca” para o internauta em questão assumir identidades diferentes para cada tipo de interação em cada local diferente na *web*. Com as redes, o indivíduo passa a ser um sujeito “multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável” (Santaella, 2007, pg. 83-84)

Com a possibilidade de inserir as características que quiser em histórias interativas (que podem ir de nome e sobrenome, a nome para o par amoroso, nomes de melhores amigos na trama etc., o leitor assume outra identidade: a de personagem, caso escolha inserir características próprias, e de coautor da *fanfic*, por mais que a interatividade oferecida não tenha impacto no desenrolar do enredo. Isso tudo, sem deixar de ser, acima de tudo, um leitor.

Existe ainda uma terceira corrente: a das *fanfics* colaborativas. Funciona como uma narrativa mais dinâmica, mais próxima de um formato de RPG, com dois ou autores construindo uma única história, cada autor no papel de um ou mais personagens diferentes. Esse formato tem sido mais frequente em sites de *fanfiction* nacionais como *Nyah!* e *Anime Spirit*. A *fanfic* colaborativa, no entanto, ainda tem pouca adesão, dado ao processo trabalhoso de unir várias narrações num único enredo, o que pode desencadear em desentendimentos entre seus participantes.

Sites especializados: os *points* de encontro da comunidade.

Se, na era pré-internet, a produção e divulgação de *fan works* ficava limitada ao papel e caneta, aos mimeógrafos e máquinas de escrever, distribuídos para um número limitado de pessoas, hoje existem diversos sites para que o fã possa publicar a peça de

trabalho que quiser: seja uma *fan art* (desenhos, manuais ou digitais) ou um *fan video* (videomontagens a partir de outras peças de vídeo) ou uma *fanfic*.

No caso das fanfics, existe uma liberdade ainda maior, por se tratar de um trabalho escrito. O fã pode escolher publicá-lo tanto num espaço limitado, criando uma página no *Tumblr*, que mistura rede social com blog, permitindo que seus participantes compartilhem imagem, vídeo e texto entre suas páginas iniciais, *Wordpress* ou outro site que oferece o espaço que ele necessita, como também pode ir aos sites especializados em publicação de fanfic.

Dos sites em português, existem formatos para os mais variados perfis de *ficwriter*. O *Nyah!* (fanfiction.com.br) é um dos mais antigos em funcionamento e conta com um sistema bem simples de publicação: o usuário cria uma conta e já pode começar a postar seu trabalho, assim como ler e comentar nas *fanfics* de outros participantes do site. No *Nyah!*, as fanfics são disponibilizadas para leitura tanto por inscritos quanto por não-inscritos, o que permite um alcance maior.

Já o *Wattpad*, fundado em 2006 no Canadá e que atualmente conta com suporte para mais de 50 línguas. Diferente do *Nyah!*, no *Wattpad* só é possível ler e comentar em uma *fanfic* se o internauta fizer seu login no site. Além de *fanfics*, o *Wattpad* também oferece sua plataforma para publicação de romances originais e trabalhos dos mais diversos segmentos, como livros didáticos, autoajuda e etc.

Além dessas ferramentas, outro site muito conhecido entre fãs brasileiros é o *Fanfic Obsession* (fanficobsession.com.br), que publica *fanfics* interativas. Diferentemente dos dois citados acima, todas as postagens do FFOBS são controladas por uma equipe de moderadoras, que revisam as histórias e adaptam os capítulos para que a “interação” seja possível, criando as lacunas a serem preenchidas através de alterações no código de html da página. Ou seja, além de português e interpretação de texto, as moderadoras do FFOBS também precisam de noções básicas de programação para que as publicações aconteçam. Além disso, não é necessário criar uma conta para postar ou ler as fanfics publicadas no site. Para comentar, basta ter acesso ao Facebook, que é interligado à seção de comentários dos capítulos.

Apesar dos formatos divergentes, uma coisa é comum a todos os sites: a seção de comentários, e a possibilidade de postar histórias dos mais diversos temas, sendo

consideradas “originais” ou *fanfics*. Isso acaba por criar uma confiança no autor, que começa escrevendo *fanfics*, mas passa a se arriscar a criar seus próprios roteiros, desvinculando-se de uma fonte única de inspiração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que o livro impresso fez uso da ficção para refletir os valores sócio-culturais das sociedades antes do século XX, assim como o rádio e a televisão usaram a ficção para refletir os valores da sociedade moderna, a *fanfic* surge como uma nova forma de refletir os valores da sociedade pós-moderna e pós-internet, tomando inspiração de grandes produções multimilionárias, e *best sellers* mundiais; e acaba refletindo também valores da cultura digital, com a interconexão, a inteligência coletiva e a interatividade, a autoria compartilhada, multivocalidade e o desenvolvimento coletivo.

Mas a cultura, por si só, é uma reflexão de sua sociedade, e por isso, toda produção cultural é, em algum nível, intertextual. Da mesma forma que a *fanfic* inspira-se num cânone literário, televisivo, musical ou cinematográfico, as próprias obras que serviram como fonte de inspiração, vêm de uma coletânea de influências do autor que a criou.

Assim, nenhuma obra original, é, de fato, original. Um romance literário está carregado de influências externas e internas sofridas pelo autor, que tem o papel de reunir essas várias “narrativas” dentro de um único enredo, costurando-as numa “colcha de retalhos”. Barthes diz:

“[...] Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura”. (BARTHES, 2004, pg. 2)

A maneira como a rede de internet, desde seu nascimento, oferece um ambiente propício para a produção, publicação e acesso dos mais diversos tipos de conteúdo

tratando dos mais variados assuntos. A migração das *fanfictions* da produção física e isolada, para os textos digitalizados e facilmente compartilháveis, foi crucial em sua história. A interconexão entre fãs de vários lugares do mundo pela internet causou, então, a digitalização dos *fandoms* e do compartilhamento de sua subcultura que vinha amadurecendo lentamente desde suas primeiras evidências nos anos 60.

Vivemos numa era onde a cultura de nichos (potencializada pela web) e “cultura de massa” coexistem e dividem espaços na opinião pública, e, às vezes, ultrapassam as fronteiras e assumemos espaços umas das outras. Como ocorre com os filmes de *blockbusters*, feitos para serem consumidos por um grande número de pessoas, que acaba “escoando” para o mundo das *fanfics*, *fan arts* e *fan videos*, produções de “nicho” feitas para um número reduzido de pessoas; em alguns casos, uma *fanfic* ultrapassa as barreiras no nicho e se transforma num fenômeno mundial, como ocorreu, por exemplo, com a trilogia de romance *Cinquenta Tons de Cinza*, da britânica E.L. James, que ultrapassou a marca dos 100 milhões de cópias vendidas ao redor do mundo e ocupou o topo do *New York Times Best Sellers* (considerado o ranking literário mais influente do mundo), começou como uma *fanfic* do universo de Crepúsculo (coincidentemente, outro sucesso literário mundial em vendas).

As novas mídias ajudaram, então, a fortalecer a natureza convergente e multivocal da produção cultural humana, permitindo que novas formas de cultura convergente surgissem e que novos tipos de cultura sejam criados dentro dessas mídias, como as culturas da convergência, do compartilhamento, da coletividade, do fã, e muitas outras estimuladas pela internet e seus avanços, provados na maneira do homem contemporâneo viver, produzir, consumir e se comunicar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *A morte do autor. O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet*. New Essays. McFarland, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONI, Mariana; LAKATOS, Eva. Leis, Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. São Paulo: Editora Paulus, 2007

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

ANEXO I - Entrevista com Enzo Carletti, RP do Wattpad (realizada por e-mail em 13 de maio de 2016). Entrevista feita em inglês, tradução minha.

Pergunta:

Estou procurando por alguns números sobre fanfictions no Wattpad. São eles:

Quais são os fandoms mais populares?

Quais os gêneros de fanfics mais populares.

Número de fanfics postadas em 2015.

Os países com mais atividade em 2015.

Resposta:

Eu me reuni com algumas pessoas e existem alguns dados que não posso te fornecer, mas aqui estão algumas estatísticas que podem ser úteis:

- No mês passado (abril/2016), usuários do Wattpad passaram quase dois bilhões de minutos lendo fanfic.
- Ao todo, estão disponíveis 58 milhões de fanfics no Wattpad.
- Em média, as pessoas compartilham cerca de 60 mil atualizações de fanfics por dia.
- As fanfic acumularam no Wattpad cerca de 9 bilhões de leituras no mês passado (abril/2016).

ANEXO II – Entrevista com a equipe administradora do site Fanfic Obsession (realizada por e-mail em 14 de outubro de 2016).

Pergunta:

Eu queria entrar num tópico bem específico: monetização, isso porque de todos os sites de fics que pesquisei, sempre vejo vocês fazendo vaquinhas e colocando ads no site pra ajudar a manter os servidores. Poderiam me contar essa história?

Como vocês bancavam o site no começo? Começaram por servidores gratuitos mesmo ou já pagavam pelo domínio?

Quando exatamente começaram a precisar pedir por contribuições?

De onde surgiu a ideia das vaquinhas/financiamento coletivo?

E os banners e ads, ajudam pouco, médio ou bastante no orçamento?

Além de vaquinhas, vocês tentam captar fundos de outros jeitos? Quais?

Vocês têm um canal permanente de captação de dinheiro ou fazem campanhas temporárias?

Resposta:

O primeiro que preciso dizer é que eu, no caso, sou só uma staff/webby, e não a dona do site, então tem bastante coisa da história do FFOBS que vou contar mais de memória e como alguém que já fazia parte do site na época, mas em posições mais baixas. Do que eu me lembre, nós chegamos a usar servidores gratuitos, sim, mas chegou a um ponto que o site ficou tão pesado, com tanta fic pra manter no ar ao mesmo tempo, que foi preciso partir para o domínio pago ou íamos viver de queda de servidor.

A gente começou a pedir contribuições quando começou a ficar difícil de bancar o servidor. Foi mais uma ideia que surgiu entre nós mesmo, enquanto conversávamos sobre o que fazer. Já que é um serviço que prestamos com carinho e de forma gratuita às pessoas, pensamos em deixar aberto pra quem quisesse e pudesse ajudar. Os

banners e ads.... Eles até que ajudam. Não é um dinheiro sério, mas no final do mês acumula alguma coisa que contribui, sim.

E outro método que temos para arrecadar fundos são as rifas. De uns tempos para cá, temos montado rifas online para concorrer a prêmios como um livro ou um CD novo. Chega a ser organizado pelo facebook mesmo, com uso de PagSeguro e essas coisas, se não me engano, e nós enviamos o prêmio à vencedora via correio. Outra coisa também são os livretos. Já chegamos a transformar algumas fics em livretos (duas, se não me engano) e vendê-las para arrecadar fundos. Eles eram simples, mas encomendados com uma gráfica e feitos bonitinhos. Para quem estivesse interessado, era só entrar em contato para fazer o pedido e aí receber as instruções pro pagamento (que dependia da forma como era feito, que ia desde o PagSeguro até boleto bancário). No momento que o pagamento estivesse confirmado, nós enviávamos o livreto pelo correio (ou por entrega pessoal mesmo, dependendo da distância e de qual cidade a pessoa morava).

Não sei se vai ajudar, mas eu resgatei no site alguns links de aviso sobre essas duas coisas (os livretos e as rifas). Vou deixar aqui embaixo pra você ver se tem alguma informação extra que ajude.

[Pré-venda: Livreto 100 Vezes Você](#)

[Livreto: Estado Latente](#)

[Rifas + Livretos](#)

[Livretos: 100 Vezes Você e Estado Latente](#)

De um modo geral, acredito que tanto as rifas quanto as vaquinhas são mais temporárias mesmo.... Os livretos também dependem de número mínimo de pedidos, remanescentes e de encomenda com a gráfica. Não é algo que tem sempre. Antigamente, tínhamos também um site para vender bottons de bandas e tal, mas se não engano ele já não está mais funcionando.

ANEXO III - Entrevista com Flávia Duduch, editora, escritora e ficwriter.

P: Seu nome, idade, formação.

R: Me chamo Flávia Duduch, tenho 20 anos. Faço Publicidade e Propaganda.

P: Desde quando você lê fanfic?

R: Eu leio desde os dez, onze anos.

P: Como foi que você conheceu as fanfics?

R: Eu conheci na internet, acho que foi por meio do orkut ou no facebook - não lembro o que eu usava na época.

P: Leu e escreveu para qual fandom?

R: [Eu escrevia para] Harry Potter.

P: Mais algum?

R: Bem no comecinho, mas terminou muito rápido, também [escrevi] pra Crepúsculo.

P: Que tipo de história você gostava de escrever?

R: Eu gosto muito de romance, mas escrevia também ficção e fantasia.

P: Você ainda lê fanfic?

R: De vez em quando eu leio!

P: Qual a importância das fanfics pra sua vida?

R: Toda, porque é o pontapé que elas deram pra minha vida, e agora eu sou editora. Eu comecei com fanfic e agora eu estou escrevendo e ainda lendo de vez em quando

ANEXO IV - Entrevista com Raíssa Ribeiro, ficwriter.

P: Seu nome e sua idade.

R: Meu nome é Raíssa e eu tenho 21 anos.

P: Desde quando você lê fanfic?

R: Eu comecei com 12 pra 13 anos, e é desde mais ou menos essa época que eu escrevo também.

P: Para qual fandom você lê/escreve?

R: Eu sempre li e escrevi sobre My Chemical Romance, eu li a primeira história com 12 anos, com 13 eu comecei a escrever. Eu comecei com umas histórias mais tranquilas, depois fui aumentando a NC pra 17-, e daí um pouquinho pra mais.

P: Se lembra da primeira fanfic que leu?

R: Era uma história de amor entre o Gerard Way e o Frank, e era muito triste. Não lembro quem escreveu, porque era uma tradução, mas ela me marcou muito (risos).

P: Pra qual plataforma você escreve?

R: Hoje em dia eu não escrevo mais, mas naquela época eu escrevia pro Orkut. Eu postava nas comunidades, o pessoal comentava, e era legal porque eu cortava a história pela metade e o pessoal pedindo pra postar mais, e era super emocionante, dava aquela sensação de que, nossa as pessoas estão me querendo (risos).

P: Qual a importância que as fanfics tiveram na sua vida?

R: Eu acho que é legal porque você consegue desabafar, e me ajudaram bastante também na época que eu estava me assumindo ainda que eu sou homossexual. E eu ajudava outras pessoas com as histórias que se espelhavam um pouquinho em mim.

P: Qual seu recado para as pessoas que querem começar a escrever e não tem coragem de começar?

R: Eu acho que escrever ajuda muito e é legal porque você pode se expressar, então não tenham medo de se expressar. Não tenham medo de dizer coisas que as pessoas não queriam ler. E também ajuda nessa questão de falar melhor e ler melhor. Então quer não lê hoje em dia tem a opção de ler fanfic, que é mais divertido.

ANEXO V - Entrevista com Beatriz Gonçalves, ficwriter

P: Seu nome e sua idade.

R: Meu nome é Beatriz e eu tenho 19 anos.

P: Quando você começou a ler fanfic?

R: Ano retrasado (2015).

P: Quantos anos você tinha?

R: Uns dezessete anos.

P: Qual foi a primeira fanfic que você leu? Você se lembra de como você chegou até ela?

R: Depois que eu virei fã de bandas. Foi através do tumblr.

P: Pra qual fandom você lê e escreve?

R: One Direction

P: Qual a importância que a fanfic teve na sua vida até agora?

R: Olha... dizem que fanfic não acrescenta em nada, mas eu aprendi bastante coisa com fanfic...

P: Pra quem quer começar a escrever e tá sem coragem, qual é a sua dica?

R: Arrisca. Arrisca e escreve do jeito que você acha que tá ótimo. Posta e se você acha que não tá bom ou não tem muita visualização, você vê o que tá errado e você escreve de novo até conseguir o devido conhecido - que não vai ser logo, mas... é.

ANEXO VI - Entrevista com Grazielle Alves

P: Qual os eu nome e sua idade?

R: Meu nome é Grazielle Alvez e eu tenho 21 anos.

P: Quando começou a ler e escrever fanfic?

R: Eu comecei a escrever e a ler em 2013, mais ou menos.

P: Pra qual fandom?

R: Pro fandom do Avenged Sevenfold.

P: E escreve pro mesmo fandom?

R: Sim.

P: Se lembra da primeira fanfic que leu?

R: A primeira fanfic que eu li foi de Crepúsculo (risos). Foi em 2009.

P: Pra qual plataforma você lê/escreve?

R: Eu escrevia pro Nyah Fanfiction. Aí eles mudaram lá, porque a gente não podia escrever mais sobre banda, por conta dos direitos, ao eu comecei a escrever no Anime Spirit.

P: Qual a importância da fanfic na sua vida?

R: Ah foi muito importante porque eu escrevo desde que eu tenho 12 anos, só que eu não escrevia para as pessoas, eu comecei mesmo na internet em 2013, e foi importante ver as pessoas lendo, os comentários, o que elas achavam...

P: E qual seu recado para quem quer começar a escrever mas tá sem coragem?

R: Eu acho que tem que colocar a cara mesmo, vai escrevendo, e o pessoal vai dando retorno, se tão achando legal... Vão dando direcionamento pra sua história, então é importante que você vê como que o público se relaciona com as suas histórias.

ANEXO VII – Entrevista com Renata Moritz, editora de livros (feita por telefone em 24 de outubro de 2016).

P: Pode falar um pouco sobre você? O que faz, sua formação, há quanto tempo está na Paralela...

R: Eu estou na editora há dois anos. Sou advogada de formação e como tenho uma verdadeira paixão por livros, especialmente livros de romance, de ficção femininos... Eu larguei o direito para ser editora de livros. Estou nisso há dois anos e adoro.

P: Como foi o processo de publicação de After [dentro da Paralela]? Desde o comecinho, de comprar os direitos até traduzir e publicar?

R: Funciona assim: a gente recebe semanalmente dezenas de manuscritos e PDFs de livros de várias agências literárias do mundo inteiro. A gente faz um processo interno de triagem pra ler de verdade apenas aqueles livros que tem uma proposta parecida com a nossa, com o selo Paralela. A gente leu – eu e os outros editores lemos – a série After, que veio como um manuscrito, e adoramos, e aí a gente negociou os direitos. Compramos os direitos, e daí recebemos o manuscrito publicável, como eles chamam, e mandamos primeiro para a tradução e depois para a preparação de texto, que é o processo em que o texto é homogeneizado para combinar com o manual de estilo, mesmo, da Companhia das Letras. E depois a gente faz toda a diagramação, a gente manda pra gráfica e aí nós mesmos temos uma logística que distribui os livros pro Brasil inteiro.

P: Já era sabido que After tinha vindo do Wattpad, que tinha sido um sucesso como fanfiction de One Direction antes de publicá-lo?

R: Sim, sim. After foi parte de uma aposta nossa justamente nesse público, que é fã de fanfiction, que é fã do One Direction. A gente fez a decisão com base nisso. A gente vê com ótimos olhos o fato de ser uma fanfic de One Direction, a gente acha maravilhoso.

P: Após After ter sido publicado, começaram a ter uma dedicação maior a esse público jovem que lê e escreve fanfiction?

R: Na verdade...

P: Ou começou com After?

R: Começou com After, a gente não tem como objetivo necessariamente, a gente só gostou do livro em si, não é que agora a gente virou um selo de fanfiction. Mas a gente está certamente aberto para esse tipo de publicação também. O After foi único por enquanto, foi o único da história da Paralela, mas é uma história recente ainda, nós temos só dois anos, e a gente tá sempre em busca de novos talentos como a Anna Todd, é uma busca constante nossa.

P: O que você ache desse movimento de pessoas que começam escrevendo fanfiction na internet, onde todo mundo pode ler, e transformam essas histórias em livros, que não é todo mundo que tem acesso?

R: Eu acho um fenômeno interessante, acho que as editoras precisam se reinventar. Com a internet, com a redemocratização que a internet trouxe... As editoras têm um novo papel, né? Não é simplesmente dar o acesso à leitura, porque esse acesso à leitura já existe. As editoras, nesse caso, foi [questão de] de aperfeiçoar a história, o texto, fazer um planejamento gráfico bonito, fazer uma capa bem convidativa... E também de aproximar os leitores à autora.

Então a gente trouxe a Anna Todd pro Brasil num evento interno nosso, ela foi na Bienal do Livro no Rio de Janeiro no ano passado, depois ela foi pro Recife, ela foi pra Curitiba. E a gente promoveu vários encontros de leitores com a autora. Então a gente sabe que essa é a função da editora, é fazer essa união entre esses dois lados do mesmo fenômeno, que é o autor e o leitor.

As editoras antigamente, assim, no século passado, elas tinham um papel que era o de possibilitar que aquele livro seja publicado. Se não pagasse para uma editora, o livro tinha nenhuma chance de ser lido. Hoje não. Hoje uma pessoa pode se “auto publicar” e pode ter bastante notoriedade fazendo isso... Então o papel da editora mudou um pouco e expandiu bastante, e é um papel muito legal, que é de fazer essa intersecção entre o leitor e a autora.

P: E você, como editora, que está do outro lado, qual é seu conselho para quem está escrevendo fanfic e quer enviar seu livro para uma editora pra ser avaliado e publicado?

R: Eu acho que primeiro... O primeiro conselho é escrever o que gosta porque gosta, e não porque quer ser famoso. Geralmente as pessoas que fazem muito sucesso são pessoas apaixonadas por aquilo que fazem. Eu acho que sai especialmente verdadeiro quando você tá falando de uma obra literária.

Você tem que tá... Não existe uma fórmula pré-fabricada que necessariamente vai fazer sucesso. Nós como editora, a gente tá procurando, tá farejando por aquela obra que realmente tem algo de diferente, que realmente dê pra ver um envolvimento do autor. Acho que esse é o primeiro passo.

Acho que o segundo passo é ler muito – ler bastante, ficar antenado com o que tá acontecendo. E acho que.... Ter persistência. As editoras têm um orçamento muito limitado, é muito caro publicar um livro, né, porque só a parte gráfica, ela é realmente muito custosa. Então, nem sempre é possível mesmo que nós, como editora, que a gente goste de uma obra, nem sempre é possível publicá-la.

Então acho que tem que ter bastante persistência, se não deu certo com uma editora, não tem problema! Continue escrevendo, e vai se auto publicando que, enfim, uma hora você vai fazer sucesso, e uma hora uma editora vai querer publicar seu livro.

Acho que é isso.

ANEXO VIII – Entrevista com Carlos Liguori, advogado da Fundação Getúlio Vargas, especialista em Direito Digital e Direitos Autorais.

P: Você está participando de uma pesquisa sobre produção amadora no Brasil e Direitos Autorais... Gostaria que me falasse sobre isso.

R: Basicamente, essa é uma pesquisa que começamos em 2013, estávamos naquela euforia da reforma da lei dos direitos autorais. A nossa ideia em 2013 era analisar a produção de fanfic, de fã, a produção amadora mesmo, pra justificar uma flexibilização das limitações dos direitos autorais.

A ideia inicial quando começamos essa pesquisa era justificar uma interseção numa cláusula no direito autoral brasileiro. Basicamente fizemos isso: fomos atrás da história da fanfic, como elas surgiram, fizemos um panorama das fanzines na década de 60, entramos nas comunidades virtuais. Lembro que tínhamos uma pesquisadora, que não está mais conosco, que emprestou o trabalho dela para nós, sobre a Heather que é uma autora de 'fanfic' americana.

P: A Heather a criadora do Daily Profet?

R: Sim, tem uma entrevista que fizemos com ela para tentar entender como essas coisas funcionavam. Como, sobre fanfic americana tem bastante coisa escrita focamos mais na parte brasileira. Apesar de termos feito a entrevista com a Heather, colocamos os principais portais [brasileiros de fanfics] da época.

P: [A produção de fanfic no Brasil] continua mais ou menos a mesma coisa.

R: Vimos isso, as instruções para a guarda de dados e como os administradores lidavam com a questão de direitos autorais. Se eles colocavam os disclaimers ou não colocavam, fizemos uma taxonomia do que é cada tipo de fanfic. Para, depois de tudo isso, analisar de que maneira a lei dos direitos autorais em vigor lida com a produção de fanfiction.

P: Então como classificar a fanfic dentro da lei dos direitos autorais ou não? Pois, como consta na lei que para ser considerada uma versão só com autorização expressa do autor ou só sendo uma paródia.

R: Na lei atual dos direitos autorais, eu posso afirmar que ela é uma obra derivada. Muitas pessoas afirmam que é uma citação, reprodução parcial por causa de personagens o que não é, o personagem não é um trecho de uma história ele é um elemento, não tem como arrancar ele da história, como a fanfic arranja o personagem em outra história é uma derivativa. Significa que é necessária a autorização do titular dos direitos.

Quanto às limitações dos direitos autorais sobre obras derivadas existem duas: a limitação no artigo 47; São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito. E 48; As obras situadas permanentemente em logradouros públicos podem ser representadas livremente, por meio de pinturas, desenhos, fotografias e procedimentos audiovisuais.

Para defender a criação das 'fanfictions' podemos classificá-las como paródia, porém mesmo se abrigarmos nessa categoria elas ainda são ilegais, pois, direito autoral no Brasil se manifesta em dois fechos: patrimonial o autor cria a obra ela pode ser reproduzida ampliada e todo lucro que gerar o autor recebe um porcentual, e morais relacionados à personalidade eles são atemporais, ou seja, são intrasferíveis. E esses são detalhes importantes porque uma violação de direito moral ela não é abarcada pelas limitações que não atingem os direitos morais do autor.

Existe um direito específico que complica um pouco mais as obras derivadas, o direito de integridade artigo 24; IV - o de assegurar a integridade da obra, opondo-se a quaisquer modificações ou à prática de atos que, de qualquer forma, possam prejudicá-la ou atingi-lo, como autor, em sua reputação ou honra. Porém a mesma tem uma limitação intrínseca ela só pode se opor a uma modificação se atingir a honra ou reputação dele, espelhada no artigo 47 a respeito das paródias que não podem implicar descrédito.

(...)

P: E por isso que vemos tantos casos como Cinquenta Tons de Cinza, que a editora tem todo um trabalho de descaracterizar a fanfic para dar uma ar de original: trocar nomes, locais, características...

R: É curioso que se fala sobre a protagonização da lei dos direitos autoral brasileira que não é muito aplicada, claramente pode se baixar conteúdos de filmes, series e afins ilegalmente. O grande problema da produção de fãs é que eles não possuem a menor

segurança para produzir isso, horas se dedicando a isso e pode tudo ir por água abaixo a qualquer momento por causa dos direitos. O que se torna um grande problema, pois a lei é bem clara, em algum momento ela vem à tona principalmente por ser um direito, mas ele além de proteger o autor ele estimula a criação.

P: É como: aquilo que você criar é totalmente seu e ninguém pode tirar de você.

R: Mais que isso, é como distribuir um desenvolvimento cultural pelo país. Estimular a criação para desenvolver cultura. Então deixar que os fãs criem de determinada maneira vulneráveis é um desestímulo, tornando a lei que protegeria em algo repressor, podendo sustentar argumentos para a reforma da lei que permanece e permanecerá um bom tempo na gaveta. O que em minha opinião é um grande problema.

(...)

O que eu posso afirmar é que na dúvida é errado. Não devia, mas é. Se você quiser afundar no direito autoral afirma que é paródia, tirando isso é bem difícil. Apesar de existir algumas categorias que não conseguiria encaixar, como erótica, claro que dependendo da obra, não tem como condenar uma fanfic de Cinquenta Tons de Cinza.

ANEXO IX - Entrevista com Letícia Black, escritora e ex-ficwriter.

P: Como conheceu as fanfics?

R: Foi sozinha, eu e algum buscador da internet. Lembro que estava procurando informações sobre o novo livro do Harry Potter e acabei em alguma fanfic, que eu achava que era o novo livro. A minha eu de 12 anos acreditou que tinha hackeado alguma coisa importante e até discuti com a mãe pra ter posse total do computador durante o dia... Em algum momento - quando o Harry e a Hermione se beijaram - descobri que não era o novo livro do Harry Potter e um pouco depois acabei entendendo o que era uma fanfic.

P: De onde surgiu a vontade – e a ideia – de fazer sua primeira fanfic?

R: Foi logo quando comecei a ler fanfics, se todo mundo escrevia, eu também podia escrever. Eu já escrevia do meu jeito na época, só me inseri no contexto.

P: E quando começou a ler e escrever as fanfics interativas?

R: Foi com uns 17. No meu aniversário de 17, na verdade. Minhas amigas me apresentaram o McFLY e, como se fosse um pacote de viagem, as interativas vieram juntos. Alguns meses depois, eu estava iniciando em uma nova escola e não conhecia ninguém. Era o meu quarto dia de aulas, eu acho, e era meu aniversário. Estava com preguiça e vergonha de interagir, então eu resolvi escrever na hora do intervalo. E pronto (risos).

P:Ainda escreve fanfic? Qual seu fandom preferido de escrever?

R: Não, não escrevo mais. Desde 2011, 2012, acho. Minha última fanfic foi Fanmade, do McFLY. Depois, nunca mais.

P:Atualmente está trabalhando em quantas histórias?

R: Duas ou três (risos)

P: Como foi o processo de publicar o seu primeiro livro?

R: Foi fácil, na verdade. Rápido. Um mês após terminar de escrever ele, estava de contrato assinado. A editora cuidou de quase tudo, em suma eu só tive que sorrir e acenar (risos)

P: Você se acha um exemplo para suas leitoras? Digo, como uma pessoa que começou escrevendo fanfic e agora tem seus próprios livros?

R: Sim, com certeza. Eu sinto que tenho essa responsabilidade e me forço até ser mais forte do que eu sou só para passar um exemplo melhor. Elas me fazem ser uma pessoa melhor, então, e eu espero fazê-las melhor também. Quanto de fanfics para livros, bom, não sei. Eu não fui a primeira a fazer isso e não serei a última, e também acho que é uma transição natural para quem quer trabalhar com a escrita. Não sei bem se aceito o “exemplo”, mas mais como um caso? Não sei.

P: Alguma leitora já veio pedir conselhos sobre como entrar no mercado literário?

R: Sempre acontece. Já ajudei algumas pessoas, graças a Deus.

P: Focando agora em Garota de Domingo. Como ela foi de fanfic interativa a livro, e de livro para websérie?

R: Sempre gostei de Garota de Domingo por ela ser um pouco diferente do usual, sempre quis que ela fosse livro e ela era, apesar de um pouco capenga. Demorou 7 reescritas e 10 revisões para realmente ser um livro, mas era. Hahaha Quanto à websérie, foi bem tranquilo. A Bruna é minha leitora e ela foi super cuidadosa e carinhosa.

P: Você pôde participar ativamente na produção? Desde elenco a adaptação de roteiro, cenários, até onde você pode 'mandar'?

R: Não mandei em nada, quem sou eu pra mandar? Mas estive presente em tudo, Bruna e eu decidimos quase tudo juntas, os atores, as alterações... Mas a websérie foi rodada em São Paulo e eu estou no Rio, então minha participação era um pouco menor do que a Bruna realmente me tinha permitido; apesar disso, além de eu simplesmente adorar tudo que ela fazia, estive hospedada na casa dela algumas vezes, inclusive no primeiro final de semana das gravações. Foi uma experiência maravilhosa

ANEXO X - Roteiro para o vídeo “O que é fanfic?”.

<p>0” a 3” O QUE É FANFIC?</p>
<p>4” a 8” A PALAVRA FAN FICTION SURTIU DA JUNÇÃO DAS PALAVRAS FAN E FICTION / EM PORTUGUÊS / FÃ E FICÇÃO.</p>
<p>9” a 16” SEGUINDO ESSE PENSAMENTO / A FANFIC É UMA HISTÓRIA DE FICÇÃO FEITA DE <u>FÃS PARA FÃS.</u></p>
<p>18” a 25” AS FANFICS TEM COMO INSPIRAÇÃO PRINCIPAL ELEMENTOS DE OBRAS PRÉ EXISTENTES</p> <p>COMO LIVROS / FILMES / BANDAS E CANTORES / ATORES E REVISTAS EM QUADRINHOS</p>
<p>26” a 30” NÃO HÁ LIMITES PARA O QUE PODE E NÃO PODE SER INSPIRAÇÃO PARA FANFIC / O QUE IMPORTA É O AMOR DE FÃ</p>
<p>31” a 37” MAS ATENÇÃO!</p> <p>SÓ PODE SER CONSIDERADA FANFIC SE FOR UM TRABALHO DE NATUREZA LITERÁRIA</p>
<p>38” a 42” SENÃO FOR UMA HISTÓRIA, NÃO É FANFIC</p> <p>MAS NÃO SE PREOCUPE!</p>
<p>43” a 52” EXISTEM CATEGORIAS, GÊNEROS E FORMATOS PARA TODOS OS GOSTOS, FANDOMS E PREFERÊNCIAS.</p> <p>É SÓ ESCOLHER O SEU PREFERIDO!</p>
<p>54” a 58” BOA LEITURA!</p>

ANEXO XI - Roteiro para o vídeo sobre ficwriters

Vídeo “ficwriters” de 0’ a 33”

Voice over:

0’07” a 0’13” A palavra Ficwriter veio da junção das palavras em inglês fic e escritor.

0’14” a 0’21” Ou seja, um ficwriter é quem escreve fanfic.

0’22” a 28” Quem são eles? Como vivem? O que comem? De onde tiram sua inspiração?

0’29” a 0’33” É o que vamos descobrir... Agora!

“Ficwriters” 0’33 a 0’36” Quem é você?

“Parte_1” de 1’58” a 2’04” - Me chamo Flávia Duduch, tenho 20 anos.

“Parte_1” de 3’30” - Meu nome é Raíssa e eu tenho 21 anos.

“Parte_2” de 0’05” - Meu nome é Beatriz e eu tenho 19 anos.

“Parte_3” de 0’06” a 0’19” - Meu nome é Grazielle Alvez e eu tenho 21 anos.

37” a 40” Quando conheceu as fanfics?

“Parte_1” de 2’08” - Eu leio desde os dez, onze anos. + 2’15” Eu conheci na internet, acho que foi por meio do orkut ou no facebook - não lembro o que eu usava na época.

“Parte_1” de 3’36” - Eu comecei com 12 pra 13 anos, e é desde mais ou menos essa época que eu escrevo também. + 4’20” Hoje em dia eu não escrevo mais, mas naquela época eu escrevia pro Orkut.

“Parte_2” de 10” Ano retrasado + 13” Quantos anos você tinha? + 15” Uns dezessete anos.

“Parte_3” de 0’27” a 24” - A primeira fanfic que eu li foi de Crepúsculo (risos). Foi em 2009. + 0’12” a 0’15” Eu comecei a escrever e a ler em 2013, mais ou menos.

41” a 44” Para qual fandom lê/escreve?

“Parte_1” 2’26” Harry Potter. + 2’28” Mais algum? Bem no comecinho, mas terminou muito rápido, também pra Crepúsculo + 2’35” Eu gosto muito de romance, mas escrevia também ficção e fantasia.

“Parte_1” 3’34” Eu sempre li e escrevi sobre My Chemical Romance, eu li a primeira história com 12 anos, com 13 eu comecei a escrever. Eu comecei com uma histórias mais tranquilas, depois fui aumentando a NC pra 17-, e daí um pouquinho pra mais.

“Parte_2” 0’45” One Direction

“Parte_3” de 0’17” a 0’20” Pro fandom do Avenged Sevenfold + 37” a 49” Eu escrevia pro Nyah Fanfiction. Aí eles mudaram lá, porque a gente não podia escrever mais sobre banda, por conta dos direitos, ao eu comecei a escrever no Anime Spirit.

0’45” a 0’48” Qual a importância das fanfics pra você?

“Parte_1” - 3’10” Toda, porque é o pontapé que elas deram pra minha vida, e agora eu sou editora. Eu comecei com fanfic e agora eu estou escrevendo e ainda lendo de vez em quando...

“Parte_1” - 4’40” Eu acho que é legal porque você consegue desabafar, e me ajudaram bastante também na época que eu estava me assumindo ainda que eu sou homossexual. E eu ajudava outras pessoas com as histórias que se espelhavam um pouquinho em mim.

“Parte_2” - 1’05” Olha... dizem que fanfic não acrescenta em nada, mas eu aprendi bastante coisa com fanfic...

“Parte_3” de 53” a 1’09” Ah foi muito importante porque eu escrevo desde que eu tenho 12 anos, só que eu não escrevia para as pessoas, eu comecei mesmo na

internet em 2013, e foi importante ver as pessoas lendo, os comentários, o que elas achavam...

Qual a sua dica para quem quer começar a escrever fanfic?

“Parte_1” - 5'00" Eu acho que escrever ajuda muito e é legal porque você pode se expressar, então não tenham medo de se expressar. Não tenham medo de dizer coisas que as pessoas não queriam ler. E também ajuda nessa questão de falar melhor e ler melhor. Então quer não lê hoje em dia tem a opção de ler fanfic, que é mais divertido.

“Parte_2” - 1'24” Arrisca. Arrisca e escreve do jeito que você acha que tá ótimo. Posta e se você acha que não tá bom ou não tem muita visualização, você vê o que tá errado e você escreve de novo até conseguir o devido conhecido - que não vai ser logo, mas... é.

“Parte_3” de 1'13" a 1'26" Eu acho que tem que colocar a cara mesmo, vai escrevendo, e o pessoal vai dando retorno, se tão achando legal... Vão dando direcionamento pra sua história, então é importante que você vê como que o público se relaciona com as suas histórias.

ANEXO XII – Roteiro para reportagem radiofônica com Renata Moritz

ENTREVISTA RENATA MORITZ

CRIADA COMO UM BRAÇO MAIS “INFORMAL” DA COMPANHIA DAS LETRAS, A EDITORA PARALELA FOI RESPONSÁVEL POR TRAZER AFTER, DE ANNA TODD, PARA TERRAS TUPINIQUINS.

A EDITORA POR TRÁS DESSE PROCESSO É RENATA MORITZ. ADVOGADA POR FORMAÇÃO, RENATA TROCOU A CARREIRA JURÍDICA PELA PAIXÃO POR LITERATURA E TRABALHA HÁ DOIS ANOS COMO EDITORA//

ELA CONTA COMO FUNCIONOU O PASSO A PASSO DA PUBLICAÇÃO DE AFTER, QUE FOI O PRIMEIRO LIVRO LANÇADO PELA PARALELA QUE VEIO DE UMA FANFIC//

“Entrevista Renata Moritz” de 2’ a 3’15” (Assim, a gente recebe vários... /...que envia os livros pro Brasil inteiro). + 4’05” a 4’11 (A gente vê com ótimos olho.../...De ser uma fanfic de one direction)

RENATA AFIRMA QUE O FATO DA HISTÓRIA TER COMEÇADO COMO UMA FAN FICTION NÃO TEVE INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE PUBLICAÇÃO, MAS MESMO ASSIM, QUE AFTER ABRIU UM PRECEDENTE NA EDITORA, QUE TENTA BUSCAR CONTATO COM O PÚBLICO JOVEM QUE TAMBÉM LÊ E ESCREVE FANFIC//

4’36” a 5’10” (A gente não tem isso como objetivo.../ ...é uma busca constante)

QUANDO QUESTIONADA SOBRE AUTORAS DE FANFICS QUE PUBLICAM SUAS HISTÓRIAS EM LIVROS, RENATA DESTACA O PAPEL DAS EDITORAS, QUE PRECISAM DE RENOVAÇÃO CONSTANTE PARA NÃO FICAR PARA TRÁS COM O AVANÇO DA INTERNET.

De 5’28” a 7’06” (Eu acho um fenômeno interessante.../... Fazer a intersecção entre leitor e autora).

E POR ÚLTIMO, ELA DEIXA UMA DICA PARA TODOS OS ESCRITORES QUE QUEIRAM ENVIAR MANUSCRITOS À EDITORAS;

7’26” a 8’49” (O primeiro conselho é...” a “... Uma hora uma editora vai querer publicar seu livro”.

ANEXO XIII – Esboço de roteiro para o produto

1 O que é fanfic?

Origem das fanfics e curiosidades sobre as diversas hipóteses sobre seu nascimento. Star Trek e Dom Quixote. Inserir um vídeo-animação para dar o pontapé inicial sobre o assunto.

2. Torcida organizada

Falar sobre os fandoms. Usar Sherlock Holmes e beatlemania para ilustrar a ideia do que é um fandom.

3. Ficwriters

Vídeo de 3 a 5 minutos entrevistando ficwriters. Introduzir o vídeo com um explicativo sobre o que significa a palavra ficwriter.

4. Como falar “fã”

Ser uma espécie de dicionário para familiarizar o leitor com algumas palavras comumente usadas entre fãs: fangirl, ship, OTP, canon, AU, slash, crossover, **etc.**

5. Fanfics em números

Reunir alguns números de sites de fanfics (Spirit ou Nyah) e dados coletados do Google Trends. Talvez caiba alguns infográficos aqui.

6. Fora da lei?

Entrevistado: Carlos Liguori, advogado da FGV. Falar sobre os conflitos entre a prática das fanfics e a lei brasileira de direitos autorais.

7. Coisa de “gente grande”

Expor quatro autoras que já escreveram fanfic: Meg Cabot (O Diário da Princesa, A Mediadora, etc.), E. L. James (Cinquenta Tons de Cinza), Cassandra Clare (Instrumentos Mortais, Shadowhunters), Anna Todd (After).

8 Autor vs. fanfic

Dois autores famosos que se posicionam contram as fanfics: George R. R. Martins (Guerra dos Tronos) e Anne Rice (Entrevista Com o Vampiro, O Vampiro Lestat, etc.).

9 Das telas para as prateleiras

Quatro livros nacionais que vieram de fanfics: Sábado à Noite (fanfic de McFly), A Infiltrada (Crepúsculo), Entre a Nobreza e o Crime (Crepúsculo), Insanatório (fanfic interativa).

10 Ouvindo o “outro lado”: a opinião de quem publica

Matéria radiofônica. Entrevista realizada com Renata Moritz, editora do livro *After* no Brasil. Renata fala sobre o processo de publicação do livro, do papel das editoras no século XXI e como se relacionar com público que lê fanfic.

11 Garota de Domingo: *fanfic*, livro, websérie

Grande entrevista com Letícia Black, autora do livro *Garota de Domingo*, que começou como uma fanfic de McFly, e foi adaptada para dois formatos: livro e websérie para o YouTube.

12 Escolha seu estilo

Fluxograma apresentando três tipos de fanfic: a tradicional, a interativa e a colaborativa. Cada um segue para um site mais indicado para o tipo de fanfic descrita: Nyah, Spirit ou Fanfic Obsession.

13 Quem paga a conta?

Matéria com a equipe moderadora do FFOBS, que contam as táticas que usam para ganhar dinheiro para manter o site de pé (vaquinha online, banners, propaganda no site, rifas, etc).